



**PSICOLOGIA DA
EDUCAÇÃO**



DADOS INSTITUCIONAIS

CNPJ:	17.145.404/0001-76
Razão Social:	CENTRO EDUCACIONAL MALTA LTDA
Nome de Fantasia:	FACULDADE MALTA
Esfera Administrativa:	PRIVADA
Endereço:	Av. Barão de Gurguéia, nº 3333b, Bairro Vermelha
Cidade/UF/CEP:	TERESINA-PI. CEP: 64018-500
Telefone:	(86) 3303-5002
E-mail de contato:	maltafaculdade@gmail.com
Site da unidade:	http://www.faculdademalta.edu.br/

Sobre a Autor(a)

Sou Edinaildes Cruz, Pedagoga e Psicóloga com experiência em sala de aula desde 2006 e atualmente estou como Gestora de uma equipe de Psicologia e atuo como Coordenadora de Rendimento escolar no Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio em escola da rede particular de Teresina. Como um processo dinâmico, busco atualizações para desempenhar com excelência as minhas atividades profissionais, com especialização em Psicopedagogia com Docência no Ensino Superior, Terapia Cognitiva Comportamental e Análise do Comportamento. Gosto de trabalhar com pessoas e poder contribuir com a formação de jovens atuantes, nesse sentido, sou idealizadora do Projeto Baobá (Projeto de Vida).

APRESENTAÇÃO

Caro/a estudante,

Este material didático se destina aos alunos do curso de Pedagogia da Faculdade Malta-FACMA. Torna-se de fundamental importância para o profissional da Pedagogia conhecer as contribuições da Psicologia para a Educação através de seus aspectos históricos e a compreensão acerca dos conceitos e o desenvolvimento da aprendizagem que envolve o ser humano na sociedade. Esse material foi elaborado através de pesquisas e revisões de materiais bibliográficos, para concentrar em si, proporcionando através de recortes, ou seja, aspectos mais relevante uma maior compreensão a partir de um estudo introdutório que envolve a história da Psicologia, a origem e evolução da Psicologia da Educação, seus objetos, conteúdos de estudo e suas principais abordagens teóricas contemporâneas e ainda, compreender a prática pedagógica orientada pela relação interdisciplinar entre a Psicologia e a Educação e como se deu o processo de ensino e aprendizagem considerando os instrumentos metodológicos que se articulam e se complementam por meio das diversas formas de ação e mediação.

Na Unidade 1 PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO, apresenta história e evolução da Psicologia, os filosóficos e suas contribuições para a educação.

Na Unidade 2 PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM, apresenta as concepções de desenvolvimento e de aprendizagem, as principais teorias da aprendizagem e suas implicações para a prática pedagógica, as características dos processos de ensino e aprendizagem.

Na Unidade 3 PERSPECTIVA PSICOLÓGICA E A PRAXE PEDAGÓGICA, apresenta como os tipos e ambiente de aprendizagem que contribuem e interferem no processo ensino-aprendizagem e suas relações com prática pedagógica e a participação da família.

Elencamos como necessário nesse processo, a importância da leitura deste material, bem como as leituras de apoio, além do aproveitamento das oportunidades de discussão com os colegas e o tutor/professor(a). Não pretendemos esgotar a discussão sobre tal temática com esta apostila, mas, buscamos incentivar à reflexão e à pesquisa para a construção de novos saberes sobre a temática. Boa aprendizagem!

O(A) Autor(a): Edinaildes Cruz

Sumário

Capítulo 1 - Psicologia e Educação	7
1.1 - A história da Psicologia	7
1.2 - O nascimento da Psicologia como ciência	10
1.3 - Contribuições da Psicologia para educação	12
Introdução à psicologia da educação: seis abordagens	18
Capítulo 2 - A Psicologia e Educação no processo de ensino e aprendizagem	19
Conhecer o estudante - cada indivíduo é único e apresenta especificidade em diversos contextos. Com o suporte da Psicologia Educacional, passou a identificar as habilidades do indivíduo, reconhecer e validar suas aptidões e interesses. Adotar novos comportamentos através de uma orientação adequada que desenvolva uma postura mais independente para o estudante adotar postura mais positiva capaz de valorizar a si e estabelecer relações saudáveis.	19
Compreender os estágios de aprendizagem - compreensão sobre o estágio de desenvolvimento em que o indivíduo se encontra com relação ao seu aos aspectos social, emocional, intelectual e físico. É válido a compreensão de que a vida humana passa por diferentes estágios de desenvolvimento até atingir a idade adulta. Cada fase implica em padrões de comportamento característicos e a identificação destes períodos ajuda os educadores na elaboração do currículo. Assim é possível determinar os métodos mais adequados de ensino para os estudantes em cada um dos diferentes estágios de aprendizagem.	20
Entender as diferenças - Além de ter tendências e potencialidades distintas, cada indivíduo difere um do outro em relação aos níveis de inteligência, aptidões, gostos e desgostos. É válido considerar e trabalhar a diferença diante do grau de aprendizagem numa única sala de aula, uma vez que há crianças superdotadas, outras com déficit de atenção, algumas com deficiências físicas e mentais. O professor deve reconhecê-las e atuar como um facilitador para que consiga proceder de maneira adequada com cada uma delas.....	20
Resolver problemas em sala de aula - Diante dos inúmeros problemas que podem surgir numa sala de aula, como por exemplo: bullying, agressões físicas e/ou verbais, preconceitos, etc. O psicólogo educacional auxilia o aluno a lidar melhor com estas situações. Esclarece e instrui o aluno com as mediações para superar o problema. Para tanto, ele precisa estudar as características dos problemas potenciais em sala de aula, a dinâmica do grupo, as características comportamentais do aluno e os possíveis ajustes que serão necessários.	20
Desenvolver a didática de ensino - A psicologia da educação ajuda o professor a adaptar seu ensino de acordo com o nível dos alunos e seus processos de aprendizagem. Para que o conhecimento seja repassado de forma eficiente, é preciso que o professor tenha uma boa didática ligada a um ensino dinâmico, divertido e saudável. Para conseguir lidar com os alunos de forma eficaz na classe de aula, o professor precisa ter o conhecimento das várias abordagens que levam ao processo de aprendizagem, seus princípios, bem como as leis e fatores que a afetam diretamente.....	20
Desenvolver adaptação de avaliação - A avaliação é parte integrante do processo de ensino e aprendizagem. É através das técnicas de avaliação que o potencial da criança é	

testado e aprovado. O desenvolvimento dos diferentes tipos de testes psicológicos para a avaliação do indivíduo é uma das contribuições da psicologia da educação.	21
Incentivar uma disciplina positiva e criativa - A psicologia educacional substituiu o sistema repressivo pelo sistema preventivo. Os professores passaram a adotar uma abordagem mais cooperativa e científica, a fim de modificar o comportamento dos alunos. A ênfase é colocada sobre a autodisciplina através de atividades criativas e construtivas.	21
2.1 - Funções psicológicas e a subjetividade do ser humano	21
2.2 - A Psicologia e as teorias no processos de aprendizagem	26
2.3 - A contribuição da Psicanálise na educação para o desenvolvimento humano	29
2.3.1 - Conceito psicanalítico de ética e seus princípios educativos	35
RECAPITULANDO	36
Capítulo 3 - Perspectiva psicológica e a praxe pedagógica	38
3.1 - Tipos e ambientes de aprendizagem	39
3.2 - Dificuldade x Distúrbio no processo de ensino-aprendizagem	41
3.3 - Família e educação	45
4.1 RECAPITULANDO:	48
REFERÊNCIAS:	50
Psicologia: o que é, para que serve e como surgiu?:.....	50

Capítulo 1 - Psicologia e Educação

Objetivo: conhecer a história e evolução da Psicologia, os filósofos e suas contribuições para a educação.

Para começo de conversa... A psicologia já existia desde quando o homem procurou olhar para si, para elaborar um entendimento sobre os porquês da alma, espírito e mente, ou seja, o ser humano sempre desejou conhecer sobre as coisas que o rodeavam. Saber e entender para explicar sobre todos os fenômenos da natureza humana, era uma busca incansável.

É importante conhecer a origem de qualquer que seja o campo de estudo, para compreender melhor a história e a atualidade., ou seja, saber como foi para compreender o hoje.

Durante muito tempo, os gregos usavam os mitos, e mostravam para explicar através da mitologia, as interpretações sobre as condições humanas.

Convenhamos... A busca por conhecimento é algo que vem atravessando gerações até chegarmos nos dias atuais, e o que diferencia são os recursos e ferramentas de pesquisas utilizados em cada época.

1.1 - A história da Psicologia

Você sabia que... Para entender e interpretar nossos pensamentos e comportamento, foram construídas ao longo do tempo, **áreas do conhecimento**, cada uma com o jeito próprio de funcionar, *na tentativa de explicar sobre os fenômenos do mundo*. São eles:

O Senso Comum apropria-se de outras áreas para criar um determinado saber, constituindo a visão de mundo de cada pessoa, ou seja, trata-se dos conhecimentos acumulados ao longo do tempo, das opiniões baseadas em vivências e experiências, é considerado um conhecimento intuitivo e formulado através de tentativas e erros.

A Arte é considerada área do conhecimento para representar uma forma de expressão e comunicação, ou seja, uma forma de visão e elaboração do mundo.

interno e externo que através de suas diferentes linguagens (dança, música, teatro, pintura, etc.) são usadas para expressar sentimentos e emoções.

A Religião, considerada como uma área do conhecimento, funciona a partir da crença e a fé como base, modelo de conduta, ou seja, é a formulação de um conjunto de pensamentos sobre a origem do ser humano considerando seus mistérios e princípios morais, que se constrói a partir de tradições e crenças, passadas de geração em geração.



E... somente depois de algum tempo, após tentativas, erros e acertos... Chegou um momento em que os gregos deixaram de lado a explicação de que os deuses, eram responsáveis pela vida e pelos fenômenos que a constituíam, para buscar respostas neles mesmos, e assim criaram a filosofia. Que é apresentada como a busca racional dos fenômenos, das explicações de porque e como as coisas acontecem. A **Filosofia** se preocupa com a origem e significado da existência humana. Se interessa mais pelas perguntas do que pelas respostas. Sempre

questiona a realidade, problematiza, critica e isso vai impulsionar outras áreas do conhecimento que tentam achar respostas.

A Ciência, outra área do conhecimento, é apresentada como um modelo científico que emerge com uma linguagem rigorosa, métodos e técnicas específicas. É um campo do conhecimento vivo, dinâmico e em constante construção, considerada como processo cumulativo de conhecimento a Ciência é precisa e objetiva, as suas conclusões para serem validadas, devem ser passíveis de verificação e isentas de emoção.

E agora, que você já sabe como e porque surgiram as áreas do conhecimento, vamos continuar nossa viagem...

Na Grécia do século V a VII a.c. onde os gregos buscavam respostas sobre a nossa mente, de onde nascem as nossas ideias, desejos, sentimentos, queriam compreender o homem e sua interioridade.

As ideias sobre a mente e o seu funcionamento derivam da filosofia grega e têm como base para a Psicologia como ciência, o médico grego Alcmeão de Crotona que no século VI, propôs que a vida mental é uma função do cérebro, sendo essa uma ideia que fornece uma base para entender a psique humana. Além de outros filósofos, como: Hipócrates (460-370 aC) considerado o pai da medicina

ocidental classifica as pessoas em quatro tipos com bases nos humores corporais: sanguíneo (sujeitos que possuem excessivamente sangue. Suas decorrentes características seriam alegria, otimismo, confiança e extroversão); melancólico (sujeitos que possuem excessivamente bile negra.

Suas decorrentes características seriam inclinação artística, tristeza, medo e introversão); colérico (sujeitos que possuem excessivamente bile amarela. Suas decorrentes características seriam irritabilidade, intensidade, impulsividade e rapidez) e fleumático (sujeitos que possuem excessivamente fleuma. Suas características seriam timidez, apatia, lerdeza, cansaço e coerência). Atribuindo suas características a fluidos corporais e dessa forma, considerava que a saúde decorreria do equilíbrio desses elementos, enquanto excessos e faltas explicariam estados de doença. Sócrates (469-399 aC) reconhecia a mente além da alma, analisou as atividades da mente na forma de pensamento, imaginação, memória e sonhos.

Seus alunos: Platão e Aristóteles reforçaram e continuaram a sua ideia, apesar de não acreditar na existência da alma. Eles reforçaram a ideia de homem como um animal racional devido a sua capacidade de raciocinar. Platão desempenhava maior interesse pelo papel da mente no controle do comportamento humano sendo o progenitor do dualismo em psicologia. Considerava matérias e substâncias espirituais, o corpo e a mente como princípios independentes e antagônicos, mas sem esclarecimentos satisfatórios. Esse dualismo foi superado por seu aluno Aristóteles que reuniu o pensamento psicológico com os estudos naturais e restaurou sua estreita ligação com a biologia e medicina. Foi ele quem transmitiu a ideia da inseparabilidade da alma e do corpo, e levantou a hipótese de que a mente é o resultado das atividades psicológicas e disse ser necessário entender os processos psicológicos incluindo as atividades dos órgãos dos sentidos que ajudam o indivíduo a experimentar o seu ambiente.

Pensamento que foi aceito para verificação por causa de sua base científica sendo verdade que o cérebro controla nossas experiências e comportamentos conscientes. Em seguida, veio o filósofo René Descartes para defender a existência da alma como uma entidade separada que é independente do corpo.

Comparou o nosso corpo com um motor de automóvel que vai continuar fazendo seu trabalho sem a supervisão da alma e portanto o corpo e alma são separáveis. O homem tem uma natureza dupla, sendo estas: mental e física. Afirma que o processo de duvidar é a prova de existência da alma com base na sua famosa

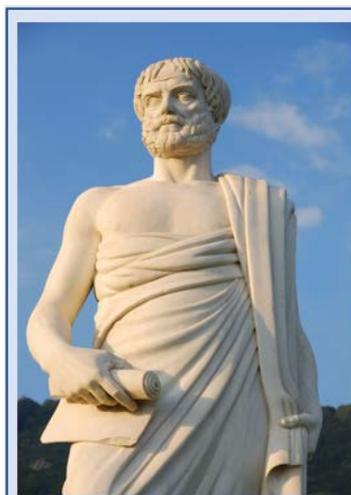
frase "Penso, logo existo, o que sugere que a alma deve existir em mim porque eu posso pensar e pensar é a principal função da alma.

Os gregos consideravam vários sentidos para a alma e esta, por sua vez, tinha vários termos, como: sopro, fôlego ou ar que o ser humano suspirava no momento de sua morte. E por ser o último suspiro de vida, haveria algo em nosso interior que nos dar a vida e quando sai, morremos. Dessa forma os Gregos acreditavam na alma através da psique, um termo usando para se referir a algo imaterial, como os pensamentos, sentimentos, desejos e percepções.

1.2 - O nascimento da Psicologia como ciência

Era uma vez... durante a Idade Média, época de uma sociedade estável, em que o homem já tinha seu lugar desde o nascimento e vivia sob uma hierarquia rígida e inquestionável, a fé e a razão eram garantidas pelo poder e a visão de um universo estático. Foi somente com a chegada do capitalismo, que surgem as necessidades, as verdades e hierarquias passam a ser questionadas, com isso, o homem deixa de ser o centro do universo, passa a ser livre e escolher o seu trabalho, buscar seu lugar social, e construir o conhecimento independente da fé. Diante desse contexto, a racionalidade do homem aparece como a grande possibilidade de construção do conhecimento.

A Psicologia nasce da Filosofia e a partir dessas indagações, como um campo de estudo como um ramo de investigação para compreensão dos processos mentais



Aristóteles considerava três tipos de mente: a Vegetal, que estava relacionada apenas na nutrição e crescimento; a mente animal possui algumas funções como poder experimentar sensações, desejo e se movimentar e a mente humana poderia desempenhar tudo da mente vegetal e animal e ainda ser capaz de raciocinar. Aristóteles acreditava que só os humanos tinham consciência de si e eram capazes de um conhecimento de ordem superior.

(sentimentos, pensamentos, razão) e o comportamento humano, que eram vistos como resultado das manifestações da alma. De origem grega, é derivada de duas palavras: *psique (alma) e logos (estudo,*

conhecimento de). Portanto, a psicologia foi definida como a ciência da alma e do comportamento, ou seja, é responsável pelo estudo e análise dos processos

mentais para compreender e explicar o comportamento do ser humano e suas interações em diferentes situações.

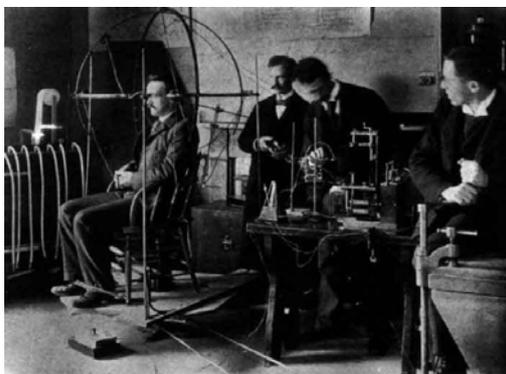
Inicialmente, as respostas para a compreensão da mente humana, davam-se através de experiências observadas e descritas pelos filósofos gregos, apoiados em suas interpretações, previsões e projeções sem bases científicas. Mas, com o passar do tempo, foram questionados, pois percebeu-se uma maior complexidade e que era impossível tomar por base as explicações generalizadas para investigar e compreender as subjetividades das causas do comportamento humano.

Fique sabendo...

Com o avanço das pesquisas científicas, a Psicologia emergiu como o estudo da mente, onde a palavra mente era menos misteriosa e vaga do que a palavra alma (considerada pelos filósofos), e portanto esta definição foi continuada por algum tempo.

Ao darmos um salto para meados século 19, temos retratos de momentos marcantes sobre os problemas e temas da Psicologia, até então estudados exclusivamente pelos filósofos, que demonstrou o pensamento, as percepções e os sentimentos humanos eram produtos de um sistema e para saber mais e compreender esses aspectos foi necessário investigar e compreender os mecanismos e o funcionamento do cérebro (máquina de pensar do homem). E com essa perspectiva, a Psicologia passou a caminhar junto com outras ciências, como Fisiologia, Neuroanatomia, Neurofisiologia e descobre que fatores cerebrais têm relação direta e indireta com as doenças mentais.

O desenvolvimento acadêmico da Psicologia começou a ganhar mais impulso em 1879 com Wilhelm Wundt (1832-1920), primeiro psicólogo experimental. Foi o fundador do primeiro Instituto de Psicologia em Leipzig, na



Alemanha, dando oportunidade para outros psicólogos se formarem e adquirirem competências de trabalho experimental para estudar a mente. O Psicólogo e fundador, centrou seus experimentos através de experiências conscientes e substituiu o conceito de alma por consciência adotando o método da introspecção (a ação de fazer uma análise íntima e reflexiva sobre si mesmo).

O desenvolvimento da Psicologia por Wundt passou a ser questionada pelos próprios psicólogos em formação e começaram a descartar os diferentes métodos e abordagens baseadas em especulações e começaram a investigar e tentar fornecer bases científicas para o assunto. Esse movimento influenciou o surgimento de outras escolas de pensamento e a formulação destas escolas possibilitou o surgimento de várias

abordagens para entender o comportamento em suas próprias maneiras e contribuições para as diferentes áreas do conhecimento.

A Psicologia é um campo vasto de estudo científico da mente e do comportamento, que apresenta diversas contribuições que foram fundamentais para o desenvolvimento de diferentes métodos de aplicação e abordagens para estudar os processos cognitivos. E com isso, ramificou-se em outras áreas devido às influências de novas ideias, teorias e métodos quantitativos e qualitativos para buscar melhores entendimentos e explicações a respeito dos processos psíquicos inerentes ao desenvolvimento do ser humano, que originam os comportamentos.

1.3 - Contribuições da Psicologia para educação

A educação constitui um processo que visa o desenvolvimento do ser humano para aprender, conhecer a história, novos hábitos, linguagem, cultura, valores. A educação é a base para a construção, formação e transformação do ser humano, a partir de novos saberes, vivência e suas interações sociais. A educação é a base para a existência humana. E para tanto, é fundamental o uso de ferramentas e meios eficientes que permitam o acesso e aperfeiçoamento dos processos educacionais.

Educadores e Psicólogos, desde muito tempo, estudam e buscam meios para descobrir maneiras mais eficientes de aprendizagem. Dessa forma, a Psicologia tem uma importante contribuição para a educação, no sentido de compreender o comportamento do indivíduo levando em consideração as fases de seu desenvolvimento para intervir no ambiente educacional, a fim de proporcionar estratégias que possam minimizar as possíveis dificuldades e propor melhores condições cognitivas para viabilizar e atender as especificidades de cada indivíduo.

Depois de consolidada como ciência, a Psicologia atuou e contribuiu para as práticas educativas.

A Psicologia como uma ciência que trata dos aspectos da mente e do comportamento e contribui para que os indivíduos se conheçam e sejam capazes de desempenhar suas atividades, constrói instrumentos de aprendizagem, com isso atende às necessidades da Educação que é um campo de ensino que proporciona o acesso ao conhecimento, dessa forma, por volta de 1950, nasce a Psicologia da Educação, duas áreas que se complementam e se inserem num contexto histórico e social.

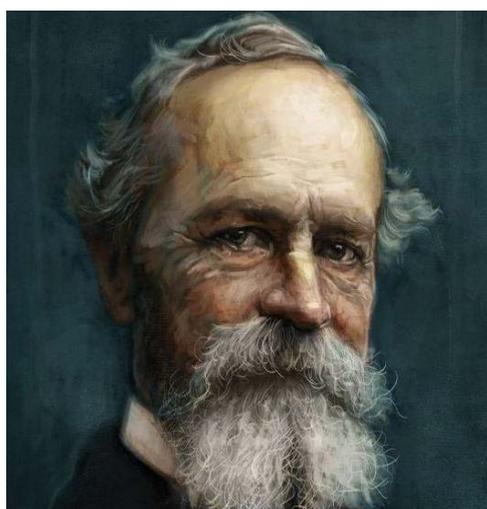
Assim como outras ciências que se interessam pelos aspectos, condições e problemas da Educação, a Psicologia da Educação é uma ciência interdisciplinar

que constitui um campo do conhecimento que propõe a contribuir com a prática pedagógica.

A Psicologia da Educação adota os métodos e abordagens através de suas pesquisas na linha psicológica sobre a mente e o comportamento humano a fim de fornecer técnicas de atuação no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, tem o objetivo de estudar os aspectos que envolvem a educação, interpretar e explicar as condições que envolve a educação sob a análise psicológica.

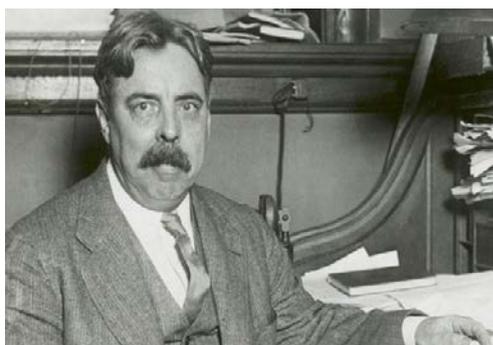
A Psicologia da Educação tem por objeto de estudo todos os aspectos das situações da educação, sob a ótica psicológica. Seu domínio é constituído pela análise psicológica de todas as situações da realidade educativa e não apenas a simples aplicação da psicologia às questões da educação. Seu maior objetivo é constatar ou compreender e explicar o que se passa no seio da situação de um problema da educação. A Psicologia da Educação faz parte dos componentes específicos da educação, cuja finalidade é estudar os processos educativos.

O campo da Psicologia da Educação surgiu no final do século XIX devido a contribuição de três grandes estudiosos precursores da Psicologia:



William James lançou um livro intitulado *Principles of Psychology* e ministrou diversas palestras através de uma série intitulada *Talks to Teacher*. Nela, discutiu as aplicações da psicologia na educação de crianças e enfatizou a importância de se observar o processo de ensino e aprendizagem em sala de aula. Assim era possível aprimorar a educação, trazendo como recomendação que os professores iniciassem as aulas em um ponto além do nível de conhecimento e compreensão da criança a fim de desenvolver a mente delas (SANTROCK, 2010).

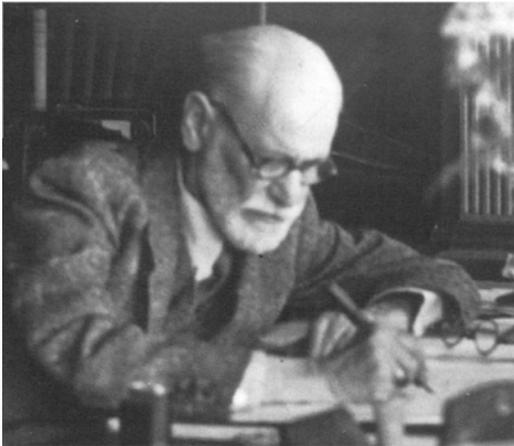
Jonh Dewey estabeleceu o primeiro e mais importante laboratório de Psicologia Educacional nos EUA, na Universidade de Chicago no ano de 1894. Muitas ideias importantes partiram deste teórico. Ele nos mostrou que a criança é um ser em constante e ativa aprendizagem. Antes de Dewey, as pessoas acreditavam que as crianças deveriam permanecer sentadas e em silêncio. Isso porque aprendiam passivamente e de uma maneira mecânica. Dewey afirmava que a educação deve focar a criança em sua totalidade enfatizando também a adaptação da criança ao ambiente. Elas deveriam ser educadas e estimuladas a pensar e também a se adaptar ao seu ambiente fora da escola e deveriam aprender a serem mais autônomas e solucionadoras de problemas de maneira reflexiva. Para Dewey toda criança merecia ter uma educação de qualidade sem diferenciação de classe, raça ou sexo.



Edward Lee Thorndike argumentou que uma das tarefas mais importantes da escola é a de desenvolver as habilidades de raciocínio das crianças. Para isso, se diferenciava ao fazer estudos científicos aprofundados e precisos sobre o ensino e aprendizagem. Promoveu também a ideia de que a Psicologia Educacional deve ter uma base científica e deve focar principalmente a mediação.

A interação dessas ideias contribuiu para que os ambientes que envolvem a educação, possibilitasse a liberdade, comunicação, manifestação e construção respeitando o desenvolvimento psíquico da criança.

Da relação entre as teorias psicológicas e a educação resultaram em distintas concepções de sujeito, considerando as especificidades do fenômeno psíquico e da aprendizagem, ou seja, diferentes teorias psicológicas e a aplicação no contexto educacional. A seguir:



Teoria Psicanalítica (Sigmund Freud):

Levar a criança a aprender a dominar os seus instintos; Entender as fases de desenvolvimento dos nossos alunos, assim como a formação da personalidade e o nosso próprio desenvolvimento e limitações; A ausência de restrições e de orientações pode produzir delinquentes, em vez de crianças saudáveis; impossível dar a liberdade, sem nenhuma restrição, para a criança desenvolver os seus impulsos; Necessário

encontrar o equilíbrio entre o proibido e a permissão; tudo deve ser bem trabalhado, porque a repressão excessiva dos impulsos pode dar origem a distúrbios neuróticos.

Teoria Behaviorista (Frederic Skinner): as agências educacionais usam do reforço para treinar, para exercícios e para toda a prática escolar; trabalham para a aquisição do comportamento e sua manutenção; as famílias são os reforçadores primários, depois outras agências, também educacionais, prosseguem como reforçadores secundários; o reforço é uma constante e os comportamentos são condicionados ao longo de nossas vidas; ênfase à estimulação dos sentidos; Certos estímulos produzem determinadas respostas num organismo; basta aplicá-los corretamente; para fixar um comportamento, basta apresentar um estímulo correto, e, para refutar, basta desestimular.



Teoria Gestalt (Salomon Perls): a preocupação é com a totalidade do comportamento do educando, deixando em segundo lugar as respostas isoladas e específicas; as experiências anteriores determinam, em grande parte, o desenvolvimento da aprendizagem; acreditam que a principal maneira de aprender seja pelo insight; as forças sociais atuam para a formação do psicológico, aceitam também a participação do domínio afetivo no desenvolvimento da aprendizagem; o professor deve ter a sensibilidade suficiente para entender os sentimentos e as atitudes respectivas da faixa etária; o

professor não consegue transmitir conceitos prontos, a estimulação é interna e diferente em cada um; parte da ideia de que quando a criança adquire uma nova percepção de si mesma e do mundo que a rodeia, muda o comportamento.

Teoria Humanista (Maria Montessori e Carl Rogers):

o professor deve seguir as etapas de desenvolvimento da criança; elaborar um currículo e uma metodologia que trabalhem o desenvolvimento integral da criança, em que a autorrealização ocupasse um espaço importante; dividiu o conhecimento em áreas,



criando os centros de vivência, começando pela educação infantil; acreditavam que o homem tem um potencial que pode ser desenvolvido naturalmente e o professor pode facilitar, criar condições, clima favorável, evitando o castigo e o constrangimento; o material pedagógico deve ser significativo, relevante; o respeito aos sujeitos é obrigatório; a escola deve ser aberta e livre e deve satisfazer as necessidades dos alunos; aceita o fracasso, mas propicia novas experiências, aprendendo com a ação, com autoconfiança, autocrítica, em sala ambiente, com um currículo flexível, sem guias curriculares, em que todos são responsáveis.

Diante da contribuição de diversas vertentes, a Psicologia da Educação se aprofunda no processo de ensino e aprendizado, sendo algumas delas: identificação das dificuldades de aprendizagem; os problemas emocionais; o funcionamento dos mecanismos de aprendizagem em crianças e adultos; a eficácia das estratégias educacionais; o funcionamento da própria escola enquanto organização.

De acordo com Piletti (1986) a Psicologia da Educação abrange dois aspectos cruciais: 1) Compreensão do aluno: suas necessidades, suas características individuais e seu desenvolvimento, nos aspectos: físico, emocional, intelectual e social. O aluno não é um ser ideal, abstrato. É uma pessoa concreta, com qualidades e preocupações. 2) Compreensão do processo ensino-aprendizagem: para o professor, não é suficiente conhecer o aluno. É necessário que ele saiba como funciona o processo de aprendizagem, quais os fatores que facilitam ou prejudicam a aprendizagem, como o aluno pode aprender de maneira mais eficiente, além de outros aspectos ligados à situação de aprendizagem, envolvendo o aluno, o professor e a sala de aula.

Percebe-se diante dessa perspectiva que a Psicologia da Educação norteia as ações pedagógicas ao considerar a mediação recíproca entre sujeito e objeto, ou seja, a ação do sujeito, estruturada por circunstâncias internas e externas constitui e determina o motivo da observação. Nesse contexto, é imprescindível para atuação pedagógica, que o educador se aproprie das teorias da aprendizagem sob a ótica psicológica.

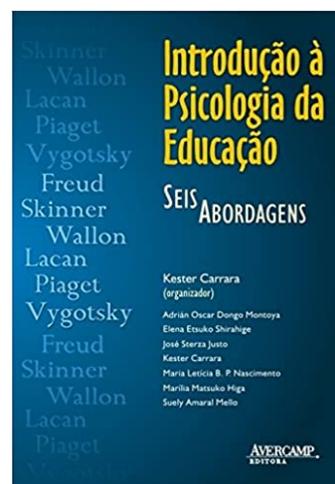
Neste capítulo, vimos que... A Psicologia da Educação é uma ciência interdisciplinar que constitui um campo do conhecimento que propõe a contribuir com a prática pedagógica.

Assim como outras ciências que se interessam pelos aspectos, condições e problemas da Educação, a Psicologia é uma ciência que trata dos aspectos da mente e do comportamento e contribui para que os indivíduos se conheçam e sejam capazes de desempenhar suas atividades, construindo instrumentos de aprendizagem.

As ideias sobre a mente e o seu funcionamento derivam da filosofia grega e foram base para a Psicologia como ciência. O nascimento da Psicologia da Educação, apresenta diversas contribuições que foram fundamentais para o desenvolvimento de diferentes métodos de aplicação e abordagens para estudar os processos cognitivos.

A Psicologia da Educação adota os métodos e abordagens através de suas pesquisas na linha psicológica sobre a mente e o comportamento humano a fim de fornecer técnicas de atuação no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, tem o objetivo de estudar os aspectos que envolvem a educação, interpretar e explicar as condições que envolve a educação sob a análise psicológica.

PARA AMPLIAR O CONHECIMENTO:



DICA DE VÍDEO: História da Psicologia Escolar e Educacional
<https://www.youtube.com/watch?v=94PIqv9ND9E>

DICA DE LIVRO:
Introdução à psicologia da educação: seis abordagens

Capítulo 2 - A Psicologia e Educação no processo de ensino e aprendizagem

Objetivos:

- Compreender as concepções de desenvolvimento e de aprendizagem;
- Identificar as principais teorias da aprendizagem e suas implicações para a prática pedagógica;
- Conhecer as características dos processos de ensino e aprendizagem.

Criada por grandes estudiosos, a Psicologia da Educação ao longo do tempo teve diversas influências e segundo Bock (2003, p. 81) “as grandes guerras trouxeram uma valorização da infância, tomada como o futuro. A escola também respondeu a estas novas ideias com a proposta da Pedagogia da Escola Nova, que se pôs no avesso às ideias da Escola Tradicional”. A criança passou a ser vista como naturalmente boa. Sua natureza humana era dividida em duas: a parte boa, que vinha desde o nascimento, e a outra corruptível. A escola passou a ter a responsabilidade de manter a criança na bondade e na espontaneidade que a caracterizavam



Coube ao professor a função de planejar e organizar as condições de aprendizagem, devendo prover materiais e situações que propiciem o aprendizado. As técnicas pedagógicas se tornaram ativas. Alunos em atividades constantes, vivendo a satisfação do aprendizado e da descoberta (BOCK 2003).

O estudo da Psicologia da Educação compreende o processo de ensino-aprendizagem desde a Psicologia do Desenvolvimento em cada etapa de vida do ser humano, investiga como funcionam os processos educativos, suas aplicações no ambiente escolar e o manejo do professor, ou seja, colaborar com a prática pedagógica. Desta forma, a Psicologia colabora com os seguintes aspectos:

Conhecer o estudante - cada indivíduo é único e apresenta especificidade em diversos contextos. Com o suporte da Psicologia Educacional, passou a identificar as habilidades do indivíduo, reconhecer e validar suas aptidões e interesses. Adotar

novos comportamentos através de uma orientação adequada que desenvolva uma postura mais independente para o estudante adotar postura mais positiva capaz de valorizar a si e estabelecer relações saudáveis.

Compreender os estágios de aprendizagem - compreensão sobre o estágio de desenvolvimento em que o indivíduo se encontra com relação ao seu aos aspectos social, emocional, intelectual e físico. É válido a compreensão de que a vida humana passa por diferentes estágios de desenvolvimento até atingir a idade adulta. Cada fase implica em padrões de comportamento característicos e a identificação destes períodos ajuda os educadores na elaboração do currículo. Assim é possível determinar os métodos mais adequados de ensino para os estudantes em cada um dos diferentes estágios de aprendizagem.

Entender as diferenças - Além de ter tendências e potencialidades distintas, cada indivíduo difere um do outro em relação aos níveis de inteligência, aptidões, gostos e desgostos. É válido considerar e trabalhar a diferença diante do grau de aprendizagem numa única sala de aula, uma vez que há crianças superdotadas, outras com déficit de atenção, algumas com deficiências físicas e mentais. O professor deve reconhecê-las e atuar como um facilitador para que consiga proceder de maneira adequada com cada uma delas.

Resolver problemas em sala de aula - Diante dos inúmeros problemas que podem surgir numa sala de aula, como por exemplo: bullying, agressões físicas e/ou verbais, preconceitos, etc. O psicólogo educacional auxilia o aluno a lidar melhor com estas situações. Esclarece e instrui o aluno com as mediações para superar o problema. Para tanto, ele precisa estudar as características dos problemas potenciais em sala de aula, a dinâmica do grupo, as características comportamentais do aluno e os possíveis ajustes que serão necessários.

Desenvolver a didática de ensino - A psicologia da educação ajuda o professor a adaptar seu ensino de acordo com o nível dos alunos e seus processos de aprendizagem. Para que o conhecimento seja repassado de forma eficiente, é preciso que o professor tenha uma boa didática ligada a um ensino dinâmico, divertido e saudável. Para conseguir lidar com os alunos de forma eficaz na classe de aula, o professor precisa ter o conhecimento das várias abordagens que levam ao processo de aprendizagem, seus princípios, bem como as leis e fatores que a afetam diretamente.

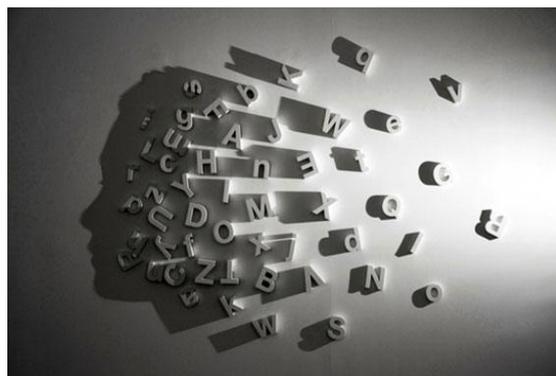
Fornecer orientação e aconselhamento - Possibilitar informações e orientação de acordo com cada uma das fases do desenvolvimento do indivíduo. O psicólogo educacional ajuda o professor a lidar com os seus próprios problemas emocionais a fim de otimizar o seu desempenho em sala de aula.

Desenvolver adaptação de avaliação - A avaliação é parte integrante do processo de ensino e aprendizagem. É através das técnicas de avaliação que o potencial da criança é testado e aprovado. O desenvolvimento dos diferentes tipos de testes psicológicos para a avaliação do indivíduo é uma das contribuições da psicologia da educação.

Incentivar uma disciplina positiva e criativa - A psicologia educacional substituiu o sistema repressivo pelo sistema preventivo. Os professores passaram a adotar uma abordagem mais cooperativa e científica, a fim de modificar o comportamento dos alunos. A ênfase é colocada sobre a autodisciplina através de atividades criativas e construtivas.

2.1 - Funções psicológicas e a subjetividade do ser humano

Para uma melhor compreensão das questões psicológicas, é necessário compreender que a existência de um sujeito tem uma relação direta com a subjetividade, ou seja, cada pessoa é única em seu modo de pensar, de falar e de agir, tem as suas próprias particularidades e experiências e são essas particularidades que nos fazem únicos, uma pessoa singular. E por essa



razão que, mesmo diante de semelhanças (físicas, por exemplo) entre duas pessoas, podem apresentar sobre um mesmo assunto, opiniões e interesses diferentes de acordo com os seus valores, princípios e construção considerando seu conhecimento e posição na sociedade. Dessa forma, esse movimento contribui para que as pessoas interajam de acordo com as suas semelhanças e ao mesmo tempo que a nossa subjetividade nos torna pessoas diferentes uns dos outros, elas também nos aproximam em certos aspectos.

A subjetividade refere-se àquilo que é único e singular do sujeito, portanto não significa que sua gênese esteja no interior do indivíduo. A gênese dessa parcialidade está justamente nas relações sociais do indivíduo, quando ele se apropria (ou subjetiva) de tais relações de forma única (da mesma maneira ocorre o processo de objetivação). Ou seja, o desenvolvimento da subjetividade ocorre pelo intercâmbio contínuo entre o interno e o externo, relação essa que Vigotski (1995) descreve quando se refere à gênese das funções psicológicas superiores.

As funções psicológicas superiores da criança, as propriedades superiores específicas ao homem, surgem a princípio como formas de comportamento coletivo da criança, como formas de cooperação com outras pessoas, e apenas posteriormente elas se tornam funções interiores individuais da própria criança (Vigotski, p.699).

É sobre o processo de desenvolvimento que se centra na constituição do sistema psicológico, o papel do meio, as funções psicológicas em si e suas relações, e sobre a ideia de sentido e de vivência.

Como Vygotski (1934/2001) se inspira no materialismo dialético de origem marxista para postular os fundamentos da evolução do psiquismo, ele aborda o desenvolvimento humano a partir da fase mais elementar da estrutura psíquica, desde os processos inferiores involuntários, da ordem do biológico. Quando em contato com os elementos da cultura, essas estruturas psíquicas primitivas evoluem mediadas pela atividade prática do homem: o uso de instrumentos, a divisão social do trabalho, a própria necessidade de interação social.

O resultado do desenvolvimento histórico-social do homem leva à sua consequente evolução psíquica, culminando no que Vigotski denomina Funções Psicológicas Superiores. O aparecimento das Funções Psicológicas Superiores (FPS) está subordinado às incitações do ambiente que permeiam as experiências do sujeito desde seu nascimento. Assim, as funções psicológicas passam de natural a cultural quando mediadas. O sujeito, pela mediação do outro, converte as relações sociais em funções psicológicas, que passam a funcionar como sendo próprias de sua personalidade (Vigotski, 1927/1995).

O processo evolutivo do elementar ao superior não é paralelo ou sobreposto, mas resultado de combinações e nexos entre as funções, formando uma imbricada rede de síntesis entre elas (Vigotski, 1933-1934/2006a, p.118).

As Funções Psicológicas Superiores, como memória, consciência, percepção, atenção, fala, pensamento, vontade, formação de conceitos e emoção, se cruzam nesta rede de nexos ou relações e formam, assim, um sistema psicológico, em que as funções se relacionam entre si. Esse processo não se esgota, pois, apesar da estrutura das FPS não mudarem, as conexões (nexos)

mudam. Entende-se que os nexos são a própria configuração de novos significados e sentidos e isto se dá quando as FPS se cruzam no processo evolutivo, promovendo um salto no desenvolvimento do sujeito. O signo faz a conexão das FPS, pois é por meio dele que as funções se aglutinam no sujeito. Isto porque, é pelos signos que se efetivam as conexões/relações entre as diferentes FPS, pois somente deste modo as informações transitam e podem ser acessadas, uma vez que o signo "é o próprio meio da união das funções em nós mesmos, e poderemos demonstrar que sem esse signo o cérebro e suas conexões iniciais não podem se transformar nas complexas relações, o que ocorre graças à linguagem" (Vigotski, 1925/2004b, p.114). Apesar de ser necessária a mediação dos signos para haver conexões entre as diferentes FPS, essa mediação precisa ter um significado para o sujeito, ou seja, precisa fazer sentido para provocar relações e nexos entre as funções. Desta perspectiva, quem faz a mediação é o próprio sujeito e não o outro, ainda que ela seja possível pela via do outro.

Martins (2001) afirma que a personalidade é uma objetivação da individualidade, a sua expressão máxima, mais complexa. É um processo resultante da relação do indivíduo com o mundo, tendo origem endopsíquica, que engloba as particularidades das funções psicológicas superiores e do temperamento, e a exopsíquica, que abarca as experiências vividas pelo indivíduo na sociedade. É claro que há uma relação de interdependência do endopsiquismo e do exopsiquismo, já que a gênese das funções psicológicas superiores é social, e a dimensão biológica também determina o âmbito social, mas a gênese da personalidade, apesar da dimensão biológica também ser dela constitutiva, é social.

A personalidade é um processo resultante de relações entre as condições objetivas e subjetivas do indivíduo, que, inserido numa sociedade (e essa é a condição fundamental), singulariza-se e diferencia-se ao ponto de ser único.

De acordo com Martins (ibid., p. 107) "em sua gênese, a personalidade resulta de relações dialéticas entre fatores externos e internos sintetizados na atividade social do indivíduo". Por fatores externos a autora



entende as condições sociais (materiais) do indivíduo, desde suas relações mais imediatas com outros indivíduos àquelas que se estabelecem com o gênero humano. Os fatores internos (as condições subjetivas) se referem à materialidade biológica e psicológica do indivíduo, que se desenvolveram em decorrência da atividade social deste (ibid.).

Nesse sentido pode-se entender a personalidade tal como Séve (1979, p. 390) propõe: "um sistema de processos" objetivos e subjetivos, resultado da luta entre indivíduo e sociedade, em que o primeiro se diferencia do segundo a partir da sua atividade e de seu modo de existência, marcada na contemporaneidade pela luta de classes sociais.

O conceito de subjetividade passa do campo da psicanálise para os domínios das psicologias na primeira metade do século passado, mas é somente no seu final que ele se despe de um sentido naturalizado e substancializado de interioridade, passando a ser pensado em termos históricos, sociais e políticos – como produção de subjetividade – apresentando-se contemporaneamente como objeto possível para muitas psicologias de cunho crítico, como alternativa a uma problematização da “identidade”, exatamente por buscar dar conta das diferenças.

A questão da subjetividade surge, portanto, no contexto filosófico das preocupações epistemológicas quanto à produção do conhecimento, de forma negativa: como aquilo que precisa ser neutralizado e superado para se ter acesso a uma verdade objetiva.

Esta conotação negativa persistiu ao longo de todo o século XX, enfatizando a contaminação do conhecimento por ela, mas as epistemologias contemporâneas argumentam que a subjetividade faz parte do jogo e precisa ser contemplada na produção do conhecimento, por não se opor necessariamente ao critério de objetividade. Numa perspectiva mais contemporânea, a subjetividade tomada como objeto construído pelo conhecimento e também como campo de experiências do sujeito não implica naturalmente nem necessariamente interioridade, substância ou permanência

Traçando uma genealogia do sujeito paralelamente a esta arqueologia da subjetividade percebe-se que é apenas na passagem do século XVII ao XVIII que o sujeito torna-se “indivíduo”, e é apenas no final do XIX que este indivíduo ganha uma subjetividade.

Tradicionalmente as concepções psicológicas apontam para um núcleo, um centro da “consciência”, da “personalidade”, da “identidade”, que pressupõe certa regularidade, previsibilidade e permanência – quando não, “essência” e interioridade – o que permite distinguir os indivíduos uns dos outros.

Subjetividade parece sugerir imediatamente interioridade, mas não há nada de natural nessa relação: percebe-se, arqueologicamente, que subjetividade e interioridade nem dizem respeito a instâncias psicológicas inerentes aos seres humanos, nem se referem a campos equivalentes de experiência ou a termos sinônimos. São enunciados de proveniências diversas que são posteriormente superpostos pelos discursos psicológicos, não necessariamente implicando uma relação de reciprocidade, ao contrário, a subjetividade, além de ser da ordem dos efeitos, é também da ordem da exterioridade – figura da “dobra” em Deleuze (1988)³ – produzida em relações saber/poder e também dos sujeitos consigo mesmos, quando estes se colocam como objetos para um trabalho sobre si.

Não há, portanto, simetria entre sujeito e subjetividade, não existe naturalmente esta unidade e esta fidelidade a si mesmo – esta relação, esta colagem das características subjetivas em um sujeito, esta individualização da subjetividade, é resultado dos jogos de normalização e de marcação da identidade, característicos das sociedades Ocidentais modernas.

Vista desta perspectiva a subjetividade é resultado e efeito das relações de saber/poder e remete a sujeitos diversos que não o sujeito universal da razão, da cognição, ou da consciência, nem sujeito autônomo, livre, ator ou agente. Na arqueologia do saber refere-se à categoria filosófica/epistemológica do sujeito cognoscente e ainda ao sujeito do discurso e da linguagem; na genealogia do poder, remete à figura do “indivíduo”, sujeito separado, individualizado, marcado pelo poder, identificado e normalizado, sujeito do/para o capital, sujeito da/para a ordem social burguesa; na genealogia da ética refere-se ao sujeito moral: colocado como objeto para si mesmo, objeto de práticas de si, de modos de subjetivação, de estetização

A subjetividade se produz na relação das forças que atravessam o sujeito, no movimento, no ponto de encontro das práticas de objetivação pelo saber/poder com os modos de subjetivação: formas de reconhecimento de si mesmo como sujeito da norma, de um preceito, de uma estética de si.

2.2 - A Psicologia e as teorias no processos de aprendizagem

A aprendizagem é um dos temas mais estudados pela Psicologia da Educação.

Aprendizagem é uma palavra derivada do latim *apprehendere*, que significa agarrar, apoderar-se de algo. aprender em cada época, em cada sociedade, tem suas especificidades, o que faz da aprendizagem um conceito eminentemente histórico, psicossocial e cultural.



Portanto, podemos considerar a aprendizagem como um processo no qual o indivíduo apropria-se de certos conhecimentos e habilidades, ou seja, como um processo complexo e interativo, que se constitui na relação do sujeito com as situações concretas na qual está inserido. Aprender traz consigo a possibilidade de algo novo, incorporado ao conjunto de elementos que formam a vida do indivíduo, relacionando-se com a mudança dos conhecimentos que ele já possui.

Para a Psicologia, há diversas possibilidades de aprendizagem, ou seja, há diversos fatores que nos levam a apresentar um comportamento que anteriormente não apresentávamos, como o crescimento físico, descobertas, tentativas e erros, ensino e etc.

Explicar o processo de aprendizagem envolve a preocupação em esclarecer o modo pelo qual o ser humano se desenvolve, conhece o mundo, organiza seu comportamento e se ajusta ao meio em que vive. A maior parte dos comportamentos e conhecimentos dos indivíduos é aprendida ao longo do seu processo de desenvolvimento. Todo conhecimento produzido em qualquer época, em qualquer área, traz consigo uma clara concepção do homem.

Para a educação, a aprendizagem é parte de um processo social de comunicação e apresenta os seguintes elementos segundo José & Coelho (1999):

O Professor comunicador: enquanto transmissor de informações ou agente do conhecimento que tem participação ativa no processo educativo.

A Mensagem: um conteúdo educativo, conhecimentos e informações que devem ser adequadas, claras e precisas para serem bem entendidas.

O Receptor da mensagem: o aluno que tem papel passivo no processo.

O Meio ambiente: meio escolar, familiar e social, onde se efetiva o processo de ensino-aprendizagem.

Tivemos a contribuição de vários teóricos que discutiram sobre as Teorias da Aprendizagem estabelecendo uma relação com as ações pedagógicas e refletem também sobre a maneira como as teorias estudadas questionam e se relacionam criticamente com as práticas que os professores têm em sala de aula para que aprofundem as relações entre o aprender e o ensinar com respaldo nas teorias que explicam tais práticas e que compreendam os processos de aprendizagem e suas relações com as diferentes dimensões do fazer pedagógico.

As Teorias da Aprendizagem são modelos teóricos desenvolvidos cientificamente para explicar como ocorrem os processos de ensino-aprendizagem no transcorrer da história da Psicologia do Desenvolvimento Humano e da Psicologia da Educação, buscando dar respostas às perguntas e indagações surgidas nas instituições de ensino. Nesse sentido, segundo Lepre (2008, p. 313), “a teoria de Piaget é a matriz do Construtivismo, linha teórica proposta pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) para o planejamento, execução e avaliação das atividades pedagógicas nas escolas brasileiras”. No entanto, é importante ressaltarmos que Piaget não teve uma preocupação eminentemente pedagógica e sim epistemológica, ou seja, esse autor teve como centro de suas investigações o sujeito epistêmico e não o sujeito do ensino-aprendizagem. Dessa forma, Piaget não propôs um método de ensino ou elaborou materiais pedagógicos, mas ofereceu à educação esclarecimentos sobre o modo peculiar de raciocinar que as crianças apresentam em diferentes estádios e momentos da vida.

Para Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985, p. 28), “a teoria de Piaget não é uma teoria particular sobre um domínio particular, mas sim um marco de referência teórico, muito mais vasto, que nos permite compreender de maneira nova qualquer processo de aquisição de conhecimento” onde o professor é um mediador do desenvolvimento cognitivo do educando para ampliação da aprendizagem.

Para Piaget (1999), no Construtivismo a aprendizagem só ocorre mediante a consolidação das estruturas de pensamento, portanto a aprendizagem sempre se dá após a consolidação do esquema que a suporta, da mesma forma a passagem de um estágio para outro a criança estaria dependente da consolidação e superação do estágio anterior. Sendo assim, a aprendizagem em si nada mais é do que a substituição de uma resposta generalizada por outra mais complexa.

A escola é um espaço de formação que recebe muitas pessoas com pensamentos e ideias diferentes em vários aspectos: físicos, religiosos, políticos,

culturais, familiares, econômicos, etc. e nessa diversidade ocorrem muitas coisas ao mesmo tempo que o professor não consegue acompanhar.

Assim, cada teoria oferecerá respostas diferentes dadas pelas ciências da educação às perguntas relativas aos problemas enfrentados por professores em diferentes momentos, espaços, tempos e sobre diferentes prismas sociais, políticos e econômicos.

O ambiente escolar também exerce muita influência na aprendizagem das crianças, pois ele envolve basicamente os aspectos físicos e mentais que são essenciais para uma boa aprendizagem. Dentro da sala de aula a construção colaborativa poderá melhorar o rendimento escolar e a socialização entre os alunos através do diálogo e da interação com todos os envolvidos que fazem parte da comunidade escolar.

As práticas pedagógicas se baseiam em modelos ou concepções teóricas que auxiliam o professor a melhor ensinar e preparar suas aulas, sendo que algumas teorias se desenvolvem em tempos simultâneos com perspectivas e direções diferentes. Esse é o movimento típico da ciência e muitas vezes os meios acadêmicos costumam privilegiar as teorias mais novas e as que oferecem respostas mais rápidas às mais recentes inquietações dos professores.

Para Wallon, a aprendizagem está relacionada com o desenvolvimento da individualidade como unidade afetiva e cognitiva dos sujeitos. O estudo do desenvolvimento humano deve ser feito na sucessão das etapas e dos conflitos no decorrer da vida, sendo a linguagem e a cultura que fornecem ao pensamento as ferramentas para a sua evolução; a sua interação com o mundo biológico não depende apenas do seu amadurecimento intelectual, mas de habilidades mais complexas para interagir com a cultura existente entre o sujeito e seu meio.

Segundo Vygotsky (1998), a aprendizagem sempre inclui relações entre pessoas. Ele defende a ideia de que não há um desenvolvimento pronto e previsto dentro de nós que vai se atualizando com o passar do tempo. O desenvolvimento é pensado como um processo em que estão presentes a maturação do organismo, o contato com a cultura produzida pela humanidade e as relações sociais que permitem a aprendizagem.

Para Vygotsky, existem três momentos importantes da aprendizagem da criança: a Zona de Desenvolvimento Potencial (ZDP), que é tudo que a criança ainda não domina, mas que se espera que ela seja capaz de realizar; a Zona de Desenvolvimento Real (ZDR), que é tudo que a criança já é capaz de realizar

sozinha; a Zona de Desenvolvimento Proximal, que é tudo que a criança somente realiza com o apoio de outras pessoas ou de companheiros mais capazes.



Vygotsky é considerado como um dos principais interacionistas que estudaram as funções psicológicas dos indivíduos; relacionou a ação da criança como transformadora de suas relações com os conteúdos estudados e, enquanto estas são constitutivas de sua inteligência, é capaz de formar sua personalidade. O professor pode ser um mediador do ensino e aprendizagem através da ZDP, que é a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial.

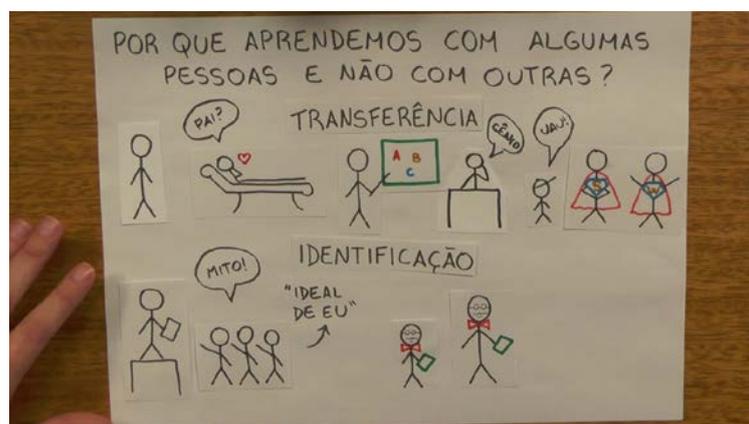
Vygotsky, apresenta uma teoria sócio-histórica interacionista que completa a teoria construtivista de Piaget, sendo um dos teóricos pioneiros a estudar a cultura, as interações sociais e enfatizar o papel da linguagem e do pensamento na mediação do conhecimento.

A abordagem teórica construtivista de Jean Piaget contribuiu para um novo modelo de educação que possibilitou a ampliação dos conhecimentos lógicos dos alunos para torná-los capazes de resolver os problemas mais complexos; a tarefa pedagógica do professor seria propor atividades desafiadoras que provocassem o desequilíbrio e reequilíbrio das estruturas cognitivas das crianças na aprendizagem.

2.3 - A contribuição da Psicanálise na educação para o desenvolvimento humano

A relação entre a Psicanálise e a Educação constituíram um campo de possibilidades e, por outro lado, um campo de limites. A Psicanálise é caracterizada como uma teoria da composição e funcionamento da mente humana (COBRA,

2013). É um método que busca abranger as unidades que formam o comportamento humano, um princípio filosófico e método terapêutico de enfermidades de caráter psicológico, pela motivação orgânica.



Re-significar a prática pedagógica e o cotidiano das relações inter-subjetivas professor-aluno, interrogando-se sobre o desejo de saber do aluno em sua relação com o desejo de ensinar do professor, implica na compreensão do sujeito humano como um ser de linguagem, efeito dos significantes do outro e da cultura. Esta concepção permite uma leitura das relações entre a Psicanálise e a Educação tomando como campo operatório o assujeitamento de ambas às leis do funcionamento da ordem simbólica, ou seja, às leis da linguagem, da palavra, enquanto condição de produção de sujeitos.

A Psicanálise e Educação possuem uma relação, que se originam nos trabalhos de Freud (1910), onde esses dois campos do conhecimento apresentam convergências e divergências. A pesquisa se justifica pela teoria de Freud, ao sinalizar o interesse pelas relações que a Psicanálise e a Educação tinham a possibilidade de construir entre si, e enfatizou a importância desta possível relação, fornecendo conceitos de como elas poderiam acontecer (RIBEIRO, 2014).

No processo de ensino e de aprendizagem temos uma relação triangular, cujos protagonistas são o professor e o aluno, sujeitos do desejo, e o conhecimento, objeto que circula nessa estrutura social e relacional. Tal como no Édipo, a relação que caracteriza a aquisição do conhecimento, nas aprendizagens escolares, pode ser interpretada desde as suas funções imaginária (a relação transferencial especular/dual professor/aluno), simbólica (o objeto de conhecimento enquanto conhecimento do Outro, inserido na linguagem e na cultura) e real (a ausência de garantias que marca o "impossível" da educação tanto quanto a impossibilidade radical de realização do desejo - furo no real do corpo pulsional).

Para estabelecer uma conexão entre a constituição do sujeito desejante e a posição do aluno em situação de aprendizagem, parte das seguintes conceitualizações:

1. Conceito freudiano do desejo como um processo psíquico interno, dinâmico, distinto da necessidade e que não depende de um objeto externo, concreto, real, para a sua realização;
2. Conceito lacaniano do desejo como sendo irreduzível à necessidade e à demanda, cujo objeto não é um objeto real, como na necessidade, mas um objeto faltoso, denominado por Lacan *objeto a*, objeto causa do desejo, ligado ao *fantasma* do sujeito e que nasce além da demanda, lá onde existe o registro de uma falta na satisfação da demanda;
3. Complexo de Édipo, cuja vivência psíquica permite que a criança se constitua como sujeito no campo do Outro e cujo valor é estruturante na determinação e na posição do desejo do sujeito, em virtude de sua passagem pela castração;
4. Conceito de pulsão de saber ou pulsão epistemofílica, registro da ordem pulsional, inscrito no real do corpo e, como tal, passível de inúmeras vicissitudes e sucessivas transformações;
5. Função simbólica da Metáfora Paterna, que constitui-se como uma operação de substituição significativa, na qual o desejo da mãe é substituído pelo Nome-do-Pai, o que induz a significação fálica, permitindo a instalação do falo na cultura, enquanto significante da falta. A passagem pela castração, sob o efeito da operação significativa introduzida pela Metáfora Paterna, produz a significação fálica, isto é, permite que o falo, como significante da falta, possa assumir outras significações no campo simbólico, podendo ser substituído por outros objetos da cultura que representem a falta.

Na visão de Ribeiro (2014), o entrelaçamento possibilita levantar questões relacionadas ao funcionamento psíquico humano, relações de transferência aluno-professor/ professor-aluno, e a questão do desejo na aprendizagem. Com isso, a Psicanálise e Educação se relacionam e auxiliam no processo de mudanças do sujeito e sua atuação.

O educador pode influenciar e incentivar o comportamento humano em sala de aula. Diante dessa premissa, para auxiliar nesse processo temos a contribuição de grandes autores. De acordo com Cobra (2003), o surgimento da psicanálise como o desdobramento de técnicas e conceitos resultantes de outros métodos, já criados por filósofos.

Na visão de Ferreira e Miras (2008), a psicanálise está ligada ao entendimento do sujeito, a partir de sua razão e emoção, ou seja, pela subjetividade. Por sua vez, Elia (1999) trata a psicanálise como campo de conhecimento voltado à individualidade do sujeito, seus desejos, inconsciente e fantasia. Freud (1974). propõe as diferenças entre o consciente e inconsciente. Mariotto (2017), acrescenta que o processo educacional é fruto das relações humanas, já que o conhecimento e a socialização surgem do convívio e conflitos do indivíduo e seu meio, ou seja, o conceito de transferência.

A psicanálise está inteiramente voltada para o entendimento e funcionamento do sujeito, entendendo o sujeito como razão e emoção, consciente e inconsciente e, sobretudo, responsável por ele mesmo, por suas conquistas e fracassos, por suas alegrias e tristezas, por seus contentamentos e descontentamentos, por seus amores e desamores, por suas paixões e sofrimentos, por suas construções e desconstruções, enfim, por suas escolhas, por saídas e suas subjetividades.

Santos (2003), ao dissertar sobre a relação entre psicanálise e psicologia escolar expõe que, a psicanálise sempre produziu suas teorias a partir do cotidiano da clínica nos atendimentos particulares, e aos poucos foi sendo construído um novo entendimento sobre o desenvolvimento humano. Dessa forma, os psicanalistas foram ampliando suas experiências e pesquisas, o que contribuiu para solidificar o campo teórico e prático da psicanálise.

Millot (1987) posiciona em lados antagônicos a psicanálise e a educação. Os pilares que sustentam sua tese estão entre si articulados: os ideais megalomaniacos das metas preventivas, o ideal de controle, que marca os atos educativos e o cotidiano escolar e o ideal narcísico, que permeia o objetivo educativo, com o qual o conceito de pulsão de morte esbarra de forma inelutável.

O antagonismo entre os dois campos de conhecimento estabelece-se, então, pela divergência de concepções sobre o sujeito humano. As metas pedagógicas operam por ignorar a realidade da condição humana e a psicanálise constrói-se como um campo novo de conhecimento, marcando uma ruptura epistemológica com as ciências do homem por apontar, justamente, essa realidade. A negação daquilo que marca o humano, negação que está presente nas metas educativas e no ideário psicopedagógico hegemônico, acaba por repercutir, sob a forma de sintomas (fracasso escolar, problemas no aprendizado, exclusão escolar), no cotidiano das salas de aula.

Considerando tais questões, torna-se fundamental analisar os efeitos, na mediação do conhecimento, de uma prática educativa que se espelha no ideal e na ilusão imaginária.

A relação triangular professor/aluno/objeto de conhecimento acontece no interior de um campo transferencial inconsciente, que se instaura tendo como base a relação emocional primitiva da criança com os pais. É por efeito da transferência que o aluno se identifica ao professor, fator fundamental para que haja aprendizagem. Entretanto, a paixão transferencial pelo professor deve ceder lugar, em um segundo momento, à paixão pelo conhecimento. Os entraves dessa passagem, no entanto, existem, pois o aluno pode ficar aprisionado pelo viés transferencial, privilegiando sua paixão ambivalente pelo professor e relegando a um segundo plano o interesse pelo conhecimento. Assim, a forma pela qual o

professor responderá a esse laço transferencial será de extrema importância para que o aluno consiga realizar essa passagem e liberar seus investimentos libidinais para o trabalho de aprender.



Fonte: <http://www.clubedamafalda.blogspot.com/>

Contudo, o campo transferencial na relação professor-aluno não se esgota somente nas fixações libidinais e hostis da criança. É preciso considerar, também, as questões narcísicas, decorrentes da angústia de castração, que afetam os sujeitos envolvidos no ato pedagógico. Tomar a criança como *aluno-falo* significa, na economia narcísica do educador, colocá-la no lugar de *eu-ideal*, investi-la narcisicamente para que ela realize o ideal que ele mesmo não pôde realizar. Por meio de demandas idealizadas, o educador endereça à criança o pedido de que ela responda do lugar da ordem da perfeição, na ilusão de que é possível tamponar a falta. Por outro lado, quando o aluno toma seu professor como alguém suposto tudo saber e tudo poder, essa suposição denota a permanência da criança em um estado de ilusão de que ao Outro nada falta. Em ambos os casos, o laço transferencial é imaginário.

A Psicanálise auxilia nas práticas educativas, pois permite a reflexão e que o professor entenda a realidade pedagógica em torno do aluno e suas práticas, e realize as escolhas em torno de sua atuação em sala de aula, mesmo com base no posicionamento teórico. Dessa forma, a psicanálise não impõe ao processo educacional uma determinada teoria, e sim possibilita a análise e a conscientização do motivo e situações em torno da aprendizagem (PEDROZA, 2010)

Quando o professor não responde ao aluno do lugar daquele que tudo sabe, mas sim daquele que conhece e que toma esse conhecimento não como uma verdade, mas como uma convicção culturalmente aceita e socialmente compartilhada, o professor ocupa o lugar de mediador do objeto de conhecimento, o qual marca a entrada de um terceiro na relação professor-aluno. Somente ocupando este lugar é que o professor tem chances de reverter as questões imaginárias e narcísicas que se mesclam no campo educativo. Isto implica que o educador renuncie ao ideal de completude narcísica imaginária e à ilusão de que é

possível gestar, por obra dos ideais e normas educativas "pelo menos um adulto do futuro a quem nada falta" (Lajonquière, 1997, p. 40).

A Psicanálise pode contribuir com o campo da educação apontando para a urgência de uma postura reflexiva sobre a tarefa educativa, que supõe uma re-significação, a ser feita pelo professor, de sua atuação junto aos alunos. Pontuar os efeitos das metas idealizadas e grandiosas que inspiram o ato de educar, pois elas negam a realidade do desejo e, por conseguinte, negam também a criança como sujeito. Assinalar, para o professor, que a mediação do conhecimento e sua possibilidade de significação, pelo aluno, passam pela via da linguagem e da fala, que é sempre endereçada a um outro. Apontar, ainda, que a posição subjetiva do professor, frente à castração, determina as suas modalidades discursivas e que estas têm efeitos de diferente natureza no processo relacional de transmissão e aquisição do conhecimento.

Cabe ao professor o manejo dessa relação transferencial e pode-se entender porque as relações interpessoais professor-aluno, quando fortemente imaginadas, tendem a promover, na criança, modalidades sintomáticas de acesso ao conhecimento: seja pelo excesso de nada faltar, pela violência da palavra negada, do desejo não reconhecido ou esmagado por imperiosas demandas, às quais a criança não pode se identificar, seja pela pulsão de saber ignorada ou interdita. Se não cabe ao professor promover a sublimação, por ser esta um processo inconsciente, poderia ele fazer a experiência de escutar o desejo da criança, nas suas expressões mais diversas: nas suas realizações de sucesso, nos fracassos, nos tropeços, na palavra tímida ou decididamente formulada. Quanto à criança, na medida em que ela puder re-significar a perda do objeto imaginário substituindo-o por objetos simbólicos inseridos na cultura, que não pertencem a ninguém, em particular, é que ela aprenderá que por assim ser pode-se tê-los ou não tê-los, tê-los e perdê-los, o que implica na constituição de uma cadeia significativa com múltiplas possibilidades de sentido.

A Psicanálise trata da teoria da estrutura e funcionamento da mente humana. É um procedimento que busca envolver as causas da conduta humana. Para Freud (1974), é uma doutrina filosófica, uma técnica terapêutica de indisposições de natureza psicológica, de maneira suposta, sem motivação orgânica. No processo educacional, para o conhecimento acontecer, a única possibilidade, é incentivando o indivíduo para o desejo de efetivação da aprendizagem ocorrer. Nesta direção, a psicanálise na educação possibilita a utilização do imaginário e subconsciente, organizando pulsões no campo simbólico, que relacionado a consciência, culmina no despertar do conhecimento.

2.3.1 - Conceito psicanalítico de ética e seus princípios educativos

Os estudos e as discussões geradas acerca da ética, sempre se lançam na amplitude e divergência de pensamentos conceituais. De maneira geral, costuma-se classificar o campo ético a partir da perspectiva de orientar o indivíduo a atingir um determinado fim ou bem. Os gregos foram os pioneiros no assunto da *ethos* (ética), problematizando a noção das ações humanas voltadas para um bem comum.

Nessa perspectiva, a educação assume seu papel primordial na relação entre o homem e o mundo, visto que, segundo Fürst (2003), é possível localizar essa indagação na medida em que para Platão, por exemplo, o homem educado se lança inteiramente na busca de um bem. A partir desta colocação é possível admitir que o ato educacional está pautado pela organização e reflexão contínua acerca da moral que estrutura cada comunidade intencionalmente.

A concepção da ética do docente passa, inevitavelmente, pela responsabilidade assumida com o fazer. Em outras palavras, não é apenas no lugar de autoridade que o professor se efetua, mas, essencialmente, a partir do próprio reconhecimento com a sua prática. Assim, a psicanálise se mostra frutífera na medida em que indica a possibilidade de análise da própria condição faltante, mas, sobretudo, sobre a implicação dos próprios atos. Kehl (2002, p. 7-8) destaca que a psicanálise não surgiu como proposta de uma “nova ética” para o mundo moderno. No entanto, a virada freudiana abalou profundamente algumas convicções a respeito das relações do homem com o Bem, exigindo que se repensassem os fundamentos éticos do laço social a partir da descoberta das determinações inconscientes da ação humana.

Sobre a temática da educação e o ensino tem sido assunto recorrente na teoria psicanalítica, desde Freud até a atualidade. Em diversos textos ao longo de sua obra, Freud desenvolve ideias e teoriza sobre as funções da educação, tanto numa esfera mais particular da formação do humano quanto na esfera social e seu papel na cultura. Inicialmente, Freud desenvolve sua reflexão sobre a educação com uma visão mais otimista, de uma educação que levasse em conta a psicanálise. Contudo, ao final de sua obra, já mais próximo de uma elaboração que abandona o ideal de cura ou possibilidade de fuga da angústia inerente ao humano, aponta para uma postura ética por parte dos educadores no sentido de deixar que o sujeito se constitua como desejante. Nesse sentido, Freud nos leva a uma reflexão sobre o que seria uma educação ética.

Freud dizia ao incluir o “educar” como operação impossível, mas da qual não podemos nem devemos prescindir em nossa vida em civilização. Sempre considerando as profissões de educar e do psicanalista como ofícios que se

entrecruzam em diversos pontos de um caminho tortuoso, Freud jamais desistiu de elaborar uma escrita sobre como uma e outra dessas profissões se influenciavam.

Ignorando a ideia de Freud em que o papel primordial da educação seria esse de inibir, proibir e suprimir impulsos, algumas escolas pedagógicas penderam unicamente para um dos lados da balança, defendendo uma “superliberdade” aos alunos, uma “pedagogia do amor”, desarticulada com a função pedagógica da castração. A ideia de autonomia dentro das correntes pedagógicas atuais pesa sobre o estudante, com premissas como a de que, se ensinar é impossível, cabe unicamente ao aluno aprender e que este será agente construtor de seu conhecimento. Essa mudança de posição relega o lugar do professor, do mestre, a um lugar secundário, de puramente apresentar estímulos aos alunos, que construíram sozinhos o saber. Essas escolas passaram a entender o ato educativo como uma espécie de violência contra a criatividade e a individualidade, termos tão utilizados atualmente como bandeira de defesa da construção de um “indivíduo autônomo”, como categoria conceitual moderna.

Segundo Costa (1984, p.95). é preciso voltar o olhar à condição básica e necessária ao processo de humanização, que é a dependência da criança em relação ao adulto. De fato, essa condição primordial de desamparo é inevitável, uma vez que a criança necessita do adulto para que suas experiências se tornem significativas. Necessita identificar-se com o adulto para internalizar e tornar seu o que esse lhe apresenta. Desde o estágio especular até a situação de identificação com o professor na escola, é somente via essa apresentação do desejo pelo outro que poderá articular o seu próprio, via mecanismos da linguagem, sempre apresentada por outrem.

RECAPITULANDO

Neste capítulo, nós vimos que... A subjetividade se produz na relação das forças que atravessam o sujeito, no movimento, no ponto de encontro das práticas de objetivação pelo saber/poder com os modos de subjetivação: formas de reconhecimento de si mesmo como sujeito da norma, de um preceito, de uma estética de si.

Teóricos que contribuíram com seus estudos sobre as Teorias da Aprendizagem: Jean Piaget: suas contribuições contemporâneas para a aprendizagem. Vygotsky defende sua teoria sociocultural para a aprendizagem. Henri Wallon apresenta a afetividade como elemento do aprendizado cognitivo.

A aprendizagem pode ser definida como um processo de aquisição de novos

conhecimentos através de experiências vivenciadas e determinadas por fatores endógenos e exógenos que resultam na modificação do comportamento humano e que dependem de condições essenciais, tais como: mentais, físicas, sensoriais e sociais para se desenvolverem.

A Psicanálise trata da teoria da estrutura e funcionamento da mente humana. É um procedimento que busca envolver as causas da conduta humana. Para Freud (1974), é uma doutrina filosófica, uma técnica terapêutica de indisposições de natureza psicológica, de maneira suposta, sem motivação orgânica. No processo educacional, para o conhecimento acontecer, a única possibilidade, é incentivando o indivíduo para o desejo de efetivação da aprendizagem ocorrer. Nesta direção, a psicanálise na educação possibilita a utilização do imaginário e subconsciente, organizando pulsões no campo simbólico, que relacionado a consciência, culmina no despertar do conhecimento.

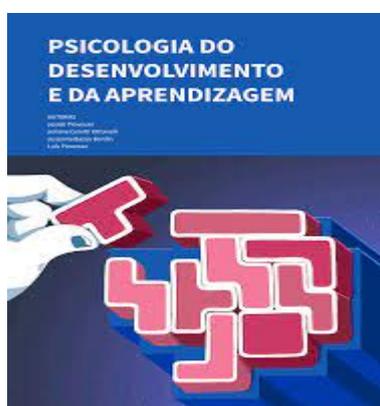
Os gregos foram os pioneiros no assunto da ethos (ética), problematizando a noção das ações humanas voltadas para um bem comum e a concepção da ética do docente passa, inevitavelmente, pela responsabilidade assumida com o fazer.

PARA AMPLIAR O CONHECIMENTO:

DICA DE VÍDEO: Freud e a Educação

<https://www.youtube.com/watch?v=uB1VxO4KtbM>

DICA DE LIVRO: Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem



https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/07/MD_Psicologia-do-Desenvolvimento-e-da-Aprendizagem.pdf

DICA DE LEITURA: Sobre a relação entre educação e psicanálise no contexto das novas formas de subjetivação

<https://www.scielo.br/j/icse/a/c997V8tRN3zyHHfdwWqQT6n/?lang=pt>

Capítulo 3 - Perspectiva psicológica e a praxe pedagógica

Objetivo: conhecer os tipos e ambiente de aprendizagem que contribuem e interferem no processo ensino-aprendizagem e suas relações com prática pedagógica e a participação da família

A partir do século XX, as teorias psicológicas foram tendo cada vez maior influência sobre a compreensão do processo de ensino e aprendizagem nas instituições de ensino. Não somente a influência da psicologia como ciência, mas também o próprio senso comum produziu uma mistura de concepções sobre o assunto. Sob a ótica dos professores, são observados como o docente entende que as pessoas constroem o conhecimento e, em decorrência disso, o modo como entende que devem ser ensinadas. Aprender e compreender resultam da capacidade humana de adquirir, transformar e avaliar informações que obtemos da nossa experiência com o mundo. Cabe à Psicologia da Educação fornecer subsídios à prática pedagógica para o professor e os profissionais da área. Uma compreensão do processo de desenvolvimento e de aprendizagem do aluno, com possibilidades para aperfeiçoar e contribuir para a qualidade do processo educacional. Os professores costumam apontar para a pesquisa empírica, como prática intencional e articuladora entre a teoria e a prática, além de defender a necessidade de vínculos consistentes e reais, teórico-práticos, para a compreensão de contribuições da área da Psicologia à prática pedagógica e, conseqüentemente, para viabilizar ações concretas e transformadoras da realidade. Para esse grupo, a formação do profissional pressupõe capacidade de conhecer e, com o auxílio de pesquisa, desenvolver estudos de intervenção em sua prática pedagógica.

A psicologia da educação se propõe a fortalecer a contribuição para a formação de profissionais com a intenção de que se tornem aptos a compreender e se preparar para atender às necessidades de um mundo extremamente dinâmico, em constante transformação, que exige a cada dia profissionais habilitados para a promoção de reflexão, de análise, de compreensão, de diálogo e de intervenção qualitativa no seu meio. Considerando que, o principal mediador da aprendizagem é o próprio aprendiz, cabe considerar sua disposição, seu grau de interesse, sua motivação, os meios que emprega para apropriar-se dos conhecimentos e superar os obstáculos para o processo de aprendizagem e desenvolvimento. A relação de vínculo entre o professor e o aluno recai sobre o educador como uma chamada de compromisso para o aperfeiçoamento profissional, de renovação dos paradigmas norteadores de sua ação no processo de ensino e aprendizagem, cujo resultado é necessariamente fruto do diálogo das três instâncias nele envolvidas. Tal

entendimento fundamenta e justifica a preocupação da Psicologia da Educação em pensar e promover o repensar das práticas pedagógicas instituídas, como sendo uma condição necessária para que essas práticas se façam de um modo mais ético, mais eficaz e eficiente e cumpram assim a função de socialização do indivíduo.

A Psicologia da Educação serve à educação em geral e aos professores particularmente na medida em que os auxilia a entender e resolver os complexos fenômenos educativos onde ele deve conciliar um conhecimento profundo da Psicologia e da Educação e ainda uma consciência sociológica sobre a dinâmica da sua comunidade.

3.1 - Tipos e ambientes de aprendizagem

Educação é uma prática social que visa ao desenvolvimento do ser humano, de suas potencialidades, habilidades e competências. A educação, portanto, não se restringe à escola. Podemos aprender em qualquer lugar, seja ele locais físicos ou virtuais, onde alguém ensina e outro aprende. Esses tipos de ambientes vão além das salas de aula clássicas e também se concentram em ambientes digitais informais.

Os ambientes de aprendizagem são definidos como cenários onde é possível desenvolver um processo de ensino-aprendizagem. São construídos com dois objetivos principais: promover situações de aprendizagem organizadas e criar um ambiente ideal para os alunos estabelecerem uma relação com o professor.

A principal função dos ambientes de aprendizagem é promover a aprendizagem significativa, ou seja, garantir que o conteúdo ensinado seja aprendido ou adquirido de forma eficiente.

O conhecimento é a base do aprendizado, seja ele qual for. O conhecimento pode ser de todos os tipos e incluir aspectos acadêmicos, mas também informais (como a própria experiência de vida). Quando ocorre um processo de ensino-aprendizagem, o conhecimento está sendo adquirido (ou, pelo menos, transmitido). Os materiais usados para apoiar esse processo de ensino-aprendizagem também são importantes. Por materiais entendemos como: atividades, leituras, exercícios, provas, aulas virtuais, aulas presenciais e etc. Vale considerar a organização do espaço, que é outro elemento na criação de ambientes de aprendizagem. Se essa organização for boa e agradável, o aprendizado também será. Uma sala de aula, por exemplo, deve ter iluminação adequada e ser bem ventilada. Deve ser organizada de forma que as interações entre alunos e professores sejam

aprimoradas. Dessa forma, é fundamental abordar estilos de aprendizagem para ensinar de forma ideal, o perfil dos alunos deve ser conhecido. Não vamos esquecer que todos nós aprendemos de forma diferente. Portanto, ao promover uma aprendizagem significativa, será importante se atentar para o estilo de aprendizagem de cada aluno.

Dependendo das suas características, encontramos até 4 tipos de ambientes de aprendizagem: físico, virtual, formal e informal.

Ambientes de aprendizagem física - Sala de aula clássica, aquele ambiente físico que envolve os alunos. É um espaço que costuma ser fixo, com horários fixos. Permite a interação entre alunos e professor. Também é conhecido como contexto de sala de aula e engloba os recursos da escola, que devem ser adaptados para otimizar o aprendizado.

Ambientes virtuais de aprendizagem - Cada vez mais difundidos e usados, os ambientes virtuais de aprendizagem são ambientes digitais onde os processos de aprendizado também são desenvolvidos. Trata-se de aprender à distância graças ao uso de computadores, *tablets* ou celulares, por meio de aulas em formato virtual. Quando vamos para as aulas virtuais, a presença física não é necessária; nós só temos que nos conectar. Nesse tipo de ambiente, os alunos se beneficiam de recursos interativos e digitais. Uma vantagem desses ambientes é a possibilidade de desenvolver uma maior autonomia ao aluno.

Ambientes formais de aprendizagem - Os ambientes formais de aprendizagem são um conceito mais amplo e têm a ver com sistemas de educação institucionalizados e estruturados. Esses ambientes são compostos por escolas públicas e privadas, que são regulamentadas por instituições estaduais e nacionais (ministérios da educação). Os ministérios são responsáveis por estabelecer quais conteúdos educacionais serão ensinados (e quais não serão) em cada etapa da escolaridade (da pré-escola à universidade).

Ambientes informais de aprendizagem - Os ambientes informais de aprendizagem, também outro conceito muito amplo, abrange todos aqueles espaços onde a pessoa aprende, indo além da escola. Nesses ambientes, que não possuem um plano oficial de estudos ou um professor que ministra uma série de conteúdos, a pessoa vive experiências, se relaciona com o entorno e, por fim, aprende. Exemplos desse tipo de ambiente: conversar com um amigo, visitar um museu, viajar, assistir a exposições e palestras, e até ir ao cinema ou ao teatro.

3.2 - Dificuldade x Distúrbio no processo de ensino-aprendizagem

As barreiras que afetam o processo de aprendizagem escolar podem partir de diversas origens: cultural, socioeconômica, familiar, cognitiva, emocional, etc. E nesse contexto, algumas crianças são identificadas com algum problema de aprendizagem, isso se deve por não conseguirem acompanhar o ritmo dos demais alunos, ou não conseguirem expressar-se.

A dificuldade de aprendizagem, diferente dos distúrbios, não se refere a dificuldades específicas, e sim na defasagem genérica e abrangente referente a aquisição e / ou automatização de uma ou mais competências. É apenas um sintoma de que existe um déficit de aprendizagem. A mudança da casa, problemas familiares, bullying e outros fatores podem influenciar muito no desenvolvimento escolar do aluno e criar os mais diversos problemas de aprendizagem. Alguns problemas mais graves podem surgir a partir disso, como a dificuldade de concentração, que pode dar origem ao Transtorno Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). O TDAH é um transtorno de característica neurobiológica, onde sua manifestação ocorre por propensão genética, e ele acompanha a pessoa por toda sua vida, podendo ser controlado. Quem o possui, costuma apresentar atitudes impulsivas, hiperativas, descontrole emocional e falta de atenção. Quando não tratado, o paciente terá uma grande dificuldade de se relacionar e alcançar os objetivos de sua vida, pois não consegue se concentrar, manter o foco e esquecem facilmente de suas tarefas e obrigações, além de terem acessos de raiva e agressividade.

Conforme Castaño (2003), o termo dificuldade de aprendizagem pode ser caracterizado por alterações no processo de desenvolvimento do aprendizado da leitura, escrita e raciocínio lógico-matemático, podendo estar associada ou não a comprometimentos da linguagem oral.

Para França (1996), a distinção feita entre os termos dificuldade e distúrbios de aprendizagem está baseada na concepção de que o termo “dificuldade” está relacionado a problemas de ordem pedagógica e/ou socioculturais, logo, o problema não está centrado apenas no aluno, sendo que essa visão é mais utilizada em uma perspectiva preventiva; por outro lado, o termo “distúrbio” está vinculado ao aluno, o que sugere a existência de comprometimento neurológico em funções corticais específicas, sendo mais utilizado pela perspectiva clínica ou remediativa.

Fonseca (2002), destacou as principais causas das dificuldades de aprendizagem:

a) Emocional: a criança manifesta sinais de ansiedade, agressividade, tensão, regressão, narcisismo, negativismo. A incerteza do eu tende a criar nessa criança uma subvalorização perigosa, normalmente associada com autosubestimação e fragilidade do autoconceito. A criança emocionalmente desajustada tende a obter fracos resultados escolares e, na medida em que os problemas emocionais desintegram o comportamento, consequentemente, cairá o potencial de aprendizagem. São importantes: o encorajamento, a estimulação da iniciativa e o reforço positivo.

b) Familiar: os sentimentos que os pais têm em relação à criança, durante os anos anteriores à escola, são de fundamental importância para o desenvolvimento posterior da criança e para sua aprendizagem escolar. Alunos não amados tendem a não ter confiança em si mesmos e nos outros; e desenvolvem comportamentos agressivos. Podem apresentar pouco entusiasmo com as atividades escolares, desinteresse e revolta. A rivalidade entre irmãos também é prejudicial, surgindo um sentimento de intolerância. Os problemas socioeconômicos dos pais, a falta de alimentação adequada, cuidados de higiene e saúde, interferem também no rendimento escolar.

c) Cultural: os hábitos de estudo e a valorização da escola são passados pela tradição cultural de cada família. Dependendo do grau de importância que se dá à escola, maior será o empenho da criança em estudar.

d) Psicomotora: as atividades motoras desempenham na criança um papel importantíssimo em muitas de suas primeiras iniciativas intelectuais. Quando a criança inicia na escola uma aprendizagem formal, os déficits psicomotores ficam mais claramente caracterizados. Aparecem transtornos na área de ritmo, atenção, comportamento, esquema corporal, orientação espacial e temporal, lateralidade e maturação. Esse aluno necessita de auxílio constante do professor, uma maior estimulação. Precisa adquirir confiança em si mesmo e melhor conhecimento de suas possibilidades e limites, condições necessárias para um bom relacionamento com o meio em que vive.

e) Cognitiva: as letras e as palavras impressas são interiorizadas a partir de aquisições cognitivas básicas que, em muitas crianças que encontram obstáculos para a aprendizagem, estão fragilmente consolidadas e estruturadas. A criança tem um nível de maturidade inferior ao normal, é mais lenta, podendo ter uma defasagem de um, dois, até três anos em relação às outras crianças. Tem dificuldade no raciocínio matemático e pouca capacidade de abstração. É tensa e ansiosa. As capacidades cognitivas: atenção, percepção, emoção, memória,

linguística, são básicas e essenciais para que uma criança aprenda a ler e escrever rápida e facilmente. “... quando uma criança não lê ou lê mal, ela não falha só na leitura, antes compromete todo o seu aproveitamento escolar e, conseqüentemente, toda a sua adaptação psicossocial” (FONSECA, 1995, p. 329).

Para o educador é possível identificar um problema de aprendizagem do que um distúrbio, sendo este último de competência aos especialistas da área em que o sintoma se apresenta, podendo dar esclarecimentos sobre o distúrbio, bem como, a prescrição do tratamento.

Os transtornos de aprendizagem, ou distúrbios de aprendizagem, “envolvem uma incapacidade de adquirir, reter ou usar habilidades ou informações gerais, o que resulta de dificuldades com a atenção, com a memória ou com o raciocínio e afeta o desempenho acadêmico.”, define o MSD,(Manuais Merck nos Estados Unidos e Canadá e Manuais MSD fora desses dois países). Alguns fatores que causam os distúrbios de aprendizagem podem ter origem: genética; uso de álcool ou drogas durante a gestação e lesões na cabeça.

Exemplos de distúrbios de aprendizagem:

- a) Distúrbio de leitura e escrita - Dificuldade na aquisição e/ou desenvolvimento da linguagem escrita. Os sintomas podem ser evidenciados através do uso inadequado da gramática, vocabulário pobre e dificuldades gerais no processamento fonológico. A disgrafia é o distúrbio caracterizado pela dificuldade com a escrita manual, ortografia, pensar e escrever ao mesmo tempo. A dislexia é o distúrbio caracterizado pela dificuldade de transformar os símbolos escritos em signos verbais, o que atrapalha na leitura e escrita.
- b) Distúrbios envolvendo a capacidade matemática. A discalculia é um distúrbio caracterizado pela dificuldade de absorver conceitos matemáticos, como resolver problemas de cálculo simples, informações de sequenciamento ou eventos, dificuldade para dizer as horas ou lembrar regras, fórmulas, sequências e procedimentos. É importante ressaltar que os transtornos não estão associados a inteligência. Diversos testes mostram que até mesmo indivíduos com QI acima da média podem ser, por exemplo, disléxicos.

A intensidade e quantidade dos sintomas são diferentes em cada tipo de manifestação do distúrbio. Por isso se alguns sintomas surgirem em crianças muito pequenas ou se apresentarem poucas vezes não necessariamente se trata deste transtorno, para poder analisar e classificar é importante uma avaliação médica e acompanhamento com um psicopedagogo e psicólogo.

As principais diferenças entre transtorno e dificuldade de aprendizagem:

Dificuldade: as causas partem mais de fatores externos, como metodologia de ensino inapropriada, conflitos familiares, mudanças frequentes de escola, diferenças socioeconômicas e/ou culturais.

Transtorno: embora os fatores externos também participem da defasagem, as causas moram no aspecto biológico por ser um transtorno do neurodesenvolvimento.

Dificuldade: defasagens abrangentes referentes ao processo de aprendizagem;

Transtorno: defasagens específicas e pontuais.

Dificuldade: dificuldade em assimilar e acompanhar os conteúdos.

Transtorno: disfunção neurológica de assimilação de conteúdos referentes a escrita, leitura e capacidades matemáticas.

Dificuldade: acompanhamento pedagógico e psicológico recomendável, justamente para que o diagnóstico não seja confundido com um transtorno.

Transtorno: acompanhamento pedagógico e psicológico necessário. Dificuldade: os obstáculos que geram dificuldade podem ser resolvidos com a mudança de metodologia, horário de aula, colegas, ou qualquer que seja a causa.

Transtorno: mudança na abordagem dos conteúdos e métodos de avaliação são imprescindíveis.

Dificuldade: os obstáculos que geram dificuldade podem ser resolvidos com a mudança de metodologia, horário de aula, colegas, ou qualquer que seja a causa.

Transtorno: mudança na abordagem dos conteúdos e métodos de avaliação são imprescindíveis

Conforme Fonseca (1995), distúrbio de aprendizagem está relacionado a um grupo de dificuldades específicas e pontuais, caracterizadas pela presença de uma disfunção neurológica.

Um médico americano, em 1861, chamado Little, pode ter sido o primeiro a descrever sobre distúrbios de aprendizagem, associados com lesão cerebral. Segundo o parecer médico, os distúrbios de aprendizagem são considerados até hoje como doenças neurológicas, que têm lesão cerebral séria, o suficiente para alterar o comportamento, porém não tão grave que possa provocar outras manifestações neurológicas.

O principal aspecto que diferencia o distúrbio com dificuldade de aprendizagem, é a Disfunção Neurológica. A consequência de um dano cerebral, tem gerado problemas que afetam a compreensão ou produção da linguagem. Nesse cenário, destacamos a afasia, distúrbio caracterizado pela dificuldade de leitura.

3.3 - Família e educação

Para o processo de ensino-aprendizagem a relação família e escola que apresentam diferentes funções, é imprescindível a interação para a contribuição diante do crescimento e desenvolvimento da criança. A família é considerada a primeira instituição social que proporciona experiências educacionais, sendo responsável pela efetivação dos direitos básicos da criança.

Construímos nossas primeiras experiências no contexto familiar. Segundo Schmitz (1994, p. 41), “a família é o primeiro ambiente humano natural em que o homem nasce, se cria, se educa e se realiza”.

A relação escola x família faz parte de frequentes discussões no meio educacional e social diante de uma nova dinâmica familiar que vem se configurando ao longo do tempo e se destacam os tradicionais modelos e padrões, diante desse contexto, tem sido apontado alguns aspectos que impactam diretamente no processo de ensino-aprendizagem, como por exemplo, falta de acompanhamento (insegurança para criança).

Segundo Ackerman (1986, p. 17), o momento histórico em que nos encontramos, tem alterado a configuração da vida familiar e tem abalado os padrões estabelecidos de Indivíduo, Família e Sociedade. [...] Seres humanos e relações humanas foram lançados em um estado de turbulência, enquanto a máquina cresce muito, à frente da sabedoria do homem sobre si mesmo. A redução do espaço e a intimidade forçada entre as pessoas vivendo em culturas em conflito exigem um novo entendimento, uma nova visão das relações do homem com o homem e do homem com a sociedade.

No que se refere à família, é necessário dizer que a historiografia brasileira nos leva a concluir que não existe um “modelo de família” e sim uma infinidade de modelos familiares, com traços em comum, mas também guardando singularidades. É possível dizer que cada família possui uma identidade própria, trata-se na verdade, como afirmam vários autores, de um agrupamento humano em constante evolução, constituído com o intuito básico de dispor a subsistência de seus integrantes e protegê-los.

Ao lado da família, a escola permanece sendo um espaço de formação que deve, portanto, repensar a sua ação formadora, preocupando-se em formar seus educadores para que os mesmos reúnam recursos que os permitam lidar com os conflitos inerentes ao cotidiano escolar.

É papel da escola, refletir sobre o que há para ser ensinado às crianças, sobre a metodologia que pode tornar mais coesa a ação do conjunto docente, que

a escola poderá encontrar saídas legítimas à superação dos problemas morais e éticos que assolam o seu dia a dia. Assim, é fundamental que conheçamos os alunos e as famílias com as quais lidamos. Sobretudo, que conheçamos quais são suas dificuldades, seus planos, seus medos e anseios. Enfim, que características e particularidades marcam a trajetória de cada família e conseqüentemente, do educando a quem atendemos. Estas informações são dados preciosos para que possamos avaliar o êxito de nossas ações enquanto educadores, identificar demandas e construir propostas educacionais compatíveis com a nossa realidade.

A escola é considerada uma instituição social que se caracteriza como um local de trabalho coletivo voltado para a formação do ser humano. Diferente de outras tantas instituições sociais, constata-se que a escola é responsável pela continuidade, colaborando com a família com a educação, é portanto, um espaço destinado ao trabalho pedagógico formal, ao entendimento de regras, à formação de valores éticos, morais e afetivos, ao exercício da cidadania. Porém, quando falta ao educando/filho um ambiente familiar saudável e equilibrado, no qual ele convive com uma desestrutura familiar (ausência de pai, de mãe), acarreta em impulso muitas vezes inconseqüentes, gerando assim ações inadequadas e insensatas que irão desorganizar e prejudicar a formação do seu caráter e da sua personalidade. Quando há um despreparo no ambiente escolar, ou seja, quando não cumpre o seu papel social na formação do educando, verifica-se que se têm a partir dessa realidade escolar/pedagógico, indivíduos desestimulados o que compromete de prosseguir em busca do seu lugar na sociedade, gerando assim, alunos desmotivados, indisciplinados e com baixa auto estima.

A família deve, portanto, se esforçar em estar presente em todos os momentos da vida de seus filhos. Presença que implica envolvimento, comprometimento e colaboração. Deve estar atenta a dificuldades não só cognitivas, mas também comportamentais e estar pronta para intervir da melhor maneira possível, visando sempre o bem da criança.

Nesse sentido, sem renunciar o lugar reservado ao ensino formal, é preciso que os espaços destinados à formação dos educadores no interior da escola deem, também, prioridade à reflexão político-filosófica sobre os sentidos e possibilidades da ação educacional para que se possa, desta feita, recuperar ou constituir um novo ideário para a escola.

A escola não é a única instância de formação de cidadania. Mas, o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade depende cada vez mais da qualidade e da igualdade de oportunidades educativas. Formar cidadãos na perspectiva aqui delineada supõe Instituições onde se possa resgatar a subjetividade inter-relacionada com a dimensão social do ser humano, em que a

produção e comunicação do conhecimento ocorram através de práticas participativas e criativas.

Quando os valores da escola coincidem com os valores da família, quando não há rupturas culturais, a aprendizagem ocorre com mais facilidade. Nas comunidades homogêneas, em que os professores partilham os mesmos valores, linguagem e padrões culturais dos pais dos alunos, está garantida a continuidade entre a escola e a família. Contudo, são cada vez mais as escolas com populações estudantis heterogêneas, nas quais os professores e os pais têm raízes culturais diferentes, provocando, nos alunos, dificuldades de adaptação.

A escola deve buscar construir por meio de uma intervenção elaborada e consciente a criação de espaços de reflexão e experiências de vida numa comunidade educativa, instituindo acima de tudo a aproximação entre as duas instituições (família/escola). Família e escola são pontos de apoio ao ser humano; são sinais de referência existencial. Quanto melhor for a parceria entre ambas, mais significativos serão os resultados na formação do educando/filho. A participação dos pais na educação formal dos filhos deve ser constante e consciente. A vida familiar e a vida escolar são simultâneas e complementares.

A escola e a família, cada qual com seus valores e objetivos específicos na educação de uma criança/adolescente, constituem uma estrutura intrínseca, onde quanto mais diferentes são, mais necessitam uma da outra. Desse modo, cabe a toda sociedade, não apenas aos setores relacionados à educação, transformar o cotidiano da escola e da família, através de pequenas ações modificadoras, para que esta (a família) compreenda a importância dos objetivos traçados pela escola, assim como o seu lugar de co-responsável nesse processo (família).

Existem diversas contribuições que tanto a família quanto a escola podem oferecer, propiciando o desenvolvimento pleno, respectivamente dos seus filhos e dos seus alunos. Alguns critérios devem ser considerados como prioridade para ambas as partes:

FAMÍLIA

- Selecionar a escola baseado em critérios que lhe garanta a confiança da forma como a escola procede diante de situações importantes;
- Dialogar com o filho o conteúdo que está vivenciando na escola;
- Cumprir as regras estabelecidas pela escola de forma consciente e espontânea;
- Deixar o filho a resolver por si só determinados problemas que venham a surgir no ambiente escolar, em especial na questão de socialização;
- Valorizar o contato com a escola, principalmente nas reuniões e entrega de resultados, podendo se informar das dificuldades apresentadas pelo seu filho, bem como seu desempenho.

ESCOLA

- Cumprir a proposta pedagógica apresentada para os pais, sendo coerente nos procedimentos e atitudes do dia a dia;
- Propiciar ao aluno liberdade para manifestar-se na comunidade escolar, de forma que seja considerado como elemento principal do processo educativo;
- Receber os pais com prazer, marcando reuniões periódicas, esclarecendo o desempenho do aluno e principalmente exercendo o papel de orientadora mediante as possíveis situações que possam vir a necessitar de ajuda;
- Abrir as portas da escola para os pais, fazendo com que eles se sintam à vontade para participar de atividades culturais, esportivas, entre outras que a escola oferecer, aproximando o contato entre família/escola;
- É de extrema importância que a escola mantenha professores e recursos atualizados, propiciando uma boa administração de forma que ofereça um ensino de qualidade para seus alunos.

É necessário que família e escola se encarem responsabilmente como parceiras de caminhada, pois ambas são responsáveis pelo que produz, podendo reforçar ou contrariar a influência uma da outra.

4.1 RECAPITULANDO:

Neste capítulo, vimos que... Os ambientes de aprendizagem são espaços físicos ou virtuais, que permitem processos de ensino-aprendizagem. Existem vários tipos de ambientes, embora todos devam compartilhar certas características ou elementos mínimos. Entre eles estão: um conteúdo a ser ensinado (ou algo a ensinar, mesmo que não seja formalizado), alguém para ensinar esse conteúdo, alguém que aprende, recursos e atividades didáticas para possibilitar esse aprendizado e uma organização adequada do espaço.

É imprescindível uma autoavaliação do professor para continuar ou mudar estratégias para alcançar os objetivos. Precisa-se considerar as especificidades de cada aluno e atender suas necessidades

As dificuldades de aprendizagem podem ocorrer por fatores psicológicos e sociais. O fator social está relacionado com as funções ecológicas, fatores culturais e envolvimento, forças sociais, relações interpessoais e movimento de ações como palavras, gestos, sinais, expressões, entre outros. E o fator psicológico contribui para as funções do desenvolvimento, fatores de aprendizagem, forças psicológicas, identificação de pensamentos e cognitividade e contribui para o processamento de memorização, intenção, na autoconsciência e no autoconceito.

As causas mais comuns que favorecem as dificuldades de aprendizagem são: inibição, ansiedade, angústia, inadequação à realidade, sentimento generalizado de rejeição. Estes sintomas estão sempre ligados a causas pessoais, os sintomas são diversos, e é variável de pessoa para pessoa.

PARA AMPLIAR O CONHECIMENTO:

DICA DE VÍDEO: O que é Práxis na pedagogia e educação?

<https://www.youtube.com/watch?v=SsONz32mFx8>

DICA DE LIVRO: Educação, sociedade e práxis pedagógica

https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33479/1/educacao-sociedade-praxis-pedagogica_repositorio.pdf



REFERÊNCIAS:

Artigos utilizados como basilares:

Breve História da Psicologia:

<https://www.ex-isto.com/2020/02/historia-psicologia.html>
<https://www.ex-isto.com/2020/02/historia-psicologia.html>

A evolução da ciência psicológica: psicologia e história

<https://sites.google.com/site/ifofofof/cap%C3%ADtulo2?tmpl=%2Fsystem%2Fapp%2Ftemplates%2Fprint%2F&showPrintDialog=1>

Psicologia: o que é, para que serve e como surgiu?:

<https://www.vittude.com/blog/o-que-e-psicologia-e-como-surgiu/>

A história da Psicologia Moderna:

<https://www.eecarvalhosenne.com.br/wp-content/uploads/2020/10/A-histo%C3%A9ria-da-psicologia-moderna-Shultz.pdf>

A importância da educação: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao>

A Psicologia Escolar e sua história:

<http://www.crpsp.org.br/memoria/educacional/artigo.aspx>

O que é subjetividade? Conceito e exemplos:
https://www.psicanaliseclinica.com/o-que-e-subjetividade/Subjetividade,individualidade,personalidadeeidentidade:concepçõesapartirdapsicologiahistóricocultural*

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100010#:~:text=Em%20s%C3%ADntese%2C%20subjetividade%20%C3%A9%20o,de%20universalidade%2C%20singularidade%20e%20particularidade

A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s)

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/NJYycJNvX58WS7RHRssSjjH/?lang=pt>

Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100010#:~:text=Em%20todas%20elas%2C%20Leontiev%20aponta,seja%20nas%20da%20pr%C3%B3pria%20personalidade

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100010#:~:text=Em%20todas%20elas%2C%20Leontiev%20aponta,seja%20nas%20da%20pr%C3%B3pria%20personalidade

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

Vigotski, L. S. (2004b). Sobre os sistemas psicológicos. In L. S. Vigotski. *Teoria e método em psicologia* (3ª ed., pp.103-135). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1925).

Vigotsky, L. S. (2007). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores* (7ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1931).

Psicanálise e educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n30/n30a07.pdf>

A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM E SUAS TEORIAS
PARA O CAMPO DO ENSINO-APRENDIZAGEM
<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/4495/3090#:~:text=As%20Teorias%20da%20Aprendizagem%20s%C3%A3o,indaga%C3%A7%C3%B5es%20surgidas%20nas%20institui%C3%A7%C3%B5es%20de>



**Av. Barão de Gurguéia, 3333B - Vermelha
Teresina - Piauí**

f @/maltafaculdade